


PSS. 473, p. 2/68

ASHTONAI 
No 391 179
EM 14105 179

PSS. 473, p. 3/68

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

- FUNAI - 7 MAI 15 26 79 002249

OF. Nº 145/11ª DR/79 .

Governador Valadares - MG
DSG/SPA - PROTOCOLO

Do Delegado 11ª DR .

Em: 03.05.79 .

Ao DD. Diretor do D.G.O. - Brasília -

Assunto: Relatório (encaminha) .

Senhor Diretor ,

1) Encaminhe a V. Sa. para os devidos fins , o relatório anexo do Sr. NICODEMOS MATEUS DE ALMEIDA , Substituto do Administrador da Fazenda Guarani.

2) Conforme podemos observar as tem - pos se retrocederam onde qualquer jornalista , cinegrafista , antropólogo ou mesmo elemento duvidoso entra nos nossos pos / tos e aldeias dando ordem , retirando índios , enfim , fazem os maiores absurdos declarando possuir ordem do Presidente da FUNAI. A Delegacia que é o esteio entre o Índio e as nossas au toridades , estão em pleno esquecimento e total desmoralização' principalmente quando o desacato as autoridades parte dos antro pólogos , que declaram possuir convênio com a FUNAI.

A fim de que possamos manter bem viva a hierarquia funcional em todos os setores da FUNAI considerando a disciplina , a ordem' e obediência as leis em vigor , espero de Vossa Senhoria as in formações do que real existem a respeito.

3) Como complemento a esta situação - de confusão e balbúrdia devido a falta de chefia positiva , ' concreta , fiel e sincera estou recebendo neste instante uma - comunicação do nosso DR. MARCOS ANTÔNIO MONTEIRO GUIMARÃES , ' Chefe da E.V.S. , onde a Antropóloga MARIA DO ROSÁRIO declara' va estar em seu apartamento particular em Salvador sob sua res ponsabilidade e expensas cinco índios que são : TURURIM - Cap. Aldeia Pataxó - , ALFREDO - Vice-Capitão , JOSEFA , PAULO e JO SÉ BUTE ocasionando para ela enormes despesas.

D. R.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Acontece porém que esses índios foram aqueles que ela mesma passou pelas aldeias e arrecadou-os para a propaganda negativa que praticou contra a FUNAI, na cidade de Salvador durante a semana do índio. Como comprovantes da verdade estou enviando " anexo " as declarações nos jornais feitas pelos índios e antropólogos durante este período que deveria ser de festa e não de derrotismo.

Podemos observar que tudo o que foi feito pelos nossos índios em Pataxó e Maxacali foi tudo esquecido, demonstrando a pura falsidade e covardia de quem lá esteve durante as inaugurações; observando todo o nosso sacrifício não resta dúvida de que urge no momento uma definição até onde vai a autoridade dos antropólogos em convênio com a FUNAI: São diretores?, Superintendente?, ou se equiparam ao nosso grande Chefe: Presidente da FUNAI.

Estamos exercendo a função após um juramento de cumprir as ordens das autoridades competentes, com o sacrifício da nossa própria vida pela causa do Índio Brasileiro. Como tal aguardamos as vossas ordens.

Atenciosamente

Clodomiro Bloise

Clodomiro Bloise

DELEGADO REGIONAL - 11ª DR

Port. 884/P de 12/09/75

- ANEXOS : - 1) Ofício nº 013/EVS/79 datado de 03/05/79 .
2) Jornal Correio da Bahia datado de 16/04/79 - pag. 8 -
3) Jornal " A Tarde " datado de 17/04/79 - pag. 8 -
4) Jornal " O Estado de S. Paulo " datado de 17/04/79 - pag. 21 -
5) Jornal " Tribuna do Cacau " datado de 20/04/79
6) Jornal " A Tarde " - s/data -
7) Jornal " O Globo " datado de 10/02/79
8) Jornal " A Tarde " datado de 24/04/79
9) Jornal " Correio da Bahia " datado de 24/04/79
10) Jornal " Correio da Bahia " datado de 23/04/79
11) Jornal " Correio da Bahia " datado de 24/04/79

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI ca

- 12) Jornal " Jornal da Bahia - Salvador - datado de 22/04/79 .
- 13) Jornal " A Tarde " datado de 17/04/79 .
- 14) Jornal " A Tarde " datado de 17/04/79 .
- 15) Jornal " Jornal da Bahia " datado de 19/04/79 .
- 16) Jornal " Correio da Bahia " datado de 20/04/79 .
- 17) Jornal " Correio da Bahia " datado de 19/04/79 .
- 18) Jornal " Correio da Bahia " datado de 17/04/79 .
- 19) Jornal " A Tarde " datado de 19/04/79 .
- 20) Jornal " Correio da Bahia " datado de 18/04/79 .



RELATÓRIO

Proc. FUNAI 2249/79
Fls. 04
Rubrica [assinatura]

Fazenda Guarani, 20 de abril de 1979.

Sr. Delegado Regional da 11ª DR,
Comunico a V.SA. que no dia 19 de abril (dia do índio) às 10 horas estiveram aqui dois repórteres da TV Globo chefiados pela reporter Lena Brandão. Não apresentando autorização oficial procurei impedi-los, mas foi em vão. Eles filmaram e entrevistaram alguns índios. Disseram que queriam uma reportagem, pois era o dia do índio.

Tudo tornou -se difícil pois os índios não procuraram evitar, mostrando então, grande interesse em ser entrevistados. Permaneceram na área durante uma hora.

Atenciosa saudações,

Nicodemus Mateus de Almeida
NICODEMOS MATEUS DE ALMEIDA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

— FUNAI —

Proc. FUNAI 2249/79Fls. 05Rubrica 

OF. Nº 013/EVS/79 .

Governador Valadares - MG

Do Chefe da E.V.S.

Em: 03.05.79 .

Ao Sr. Delegado Regional 11ª DR .


Assunto: Comunicação (faz) .

Senhor Delegado ,

Comunico-vos para os devidos fins ,
que no dia 1º de Maio às 12:00 horas de vigente ano , recebi -
um telefonema de Salvador da Antropóloga MARIA DO ROSÁRIO , on
de declarava sob sua responsabilidade e as suas expensas os '
Índios TURURIM , ALFREDO , JOSEFA , PAULO e JOSÉ BUTE em seu -
apartamento particular em Salvador.

Submeto a vossa consideração.

Atenciosamente


Dr. Marcos Antônio M. Guimarães
MÉDICO CHEFE DA E.V.S.
Port. 488/P de 03/10/77

Proc. FUNAI

2249/H9

Fls.

06

Rubrica



A TARDE — TERÇA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1979

Fazendeiros pedem extinção de reserva indígena na Bahia

Curitiba (AE) — O ministro Mário Andreazza tem em mãos um memorial assinado por fazendeiros de cacau pedindo a extinção da reserva indígena de Itaju da Colônia, no sul da Bahia. Alegando que não existem mais índios naquelas terras, os fazendeiros, dizendo-se posseiros, pedem a liberação de 14 mil dos 50 mil hectares originais demarcados em 1926 pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio.

A denúncia foi feita ontem em Curitiba pelo antropólogo e ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, Olímpio Serra, primeiro conferencista da Semana do Índio, promovida pela seccional da Associação Nacional de Proteção ao Índio, Anai, no Paraná. Segundo ele, o documento foi entregue ao ministro Mário Andreazza na semana passada, durante sua visita a Salvador.

“Acobertados sob o sistema de arrendamento das terras indígenas — afirmou Olímpio Serra — eles se apresentam no documento entregue ao ministro como posseiros. E mais, afirmam mentirosamente que não existem mais índios na região, quando sabemos que há pelo menos mil descendentes dos pataxós, cariris, tupiniquins e, na maioria, vivendo em condições miseráveis e trabalhando para eles nas fazendas de cacau”.

Na verdade, o documento entregue ao ministro, segundo o antropólogo, representa nova investida dos fazendeiros e políticos da região de Itaju da Colônia e Pau-Brasil contra as terras indígenas demarcadas em 50 mil hectares pelo extinto SPI e intensamente intrusadas. No ano passado a Funai, segundo Olímpio Serra, cedeu a pressões e deixou de redemarcar 14 mil hectares que sobraram para os índios. Estas mesmas terras estão sendo reivindicadas agora ao ministro Andreazza.

Os índios discutem sua sobrevivência

Os caciques Itapira e Tururim, do Pataxós, estão em Salvador participando da Semana do Índio. Sua maior pretensão é obter a administração do parque em que estão isolados. A área dos Pataxós (com pouco mais de mil índios) ainda não está demarcada. Página 7

Segunda-feira, 16 de abril de 1979

Nesta Semana do Índio, palestras e exposições

A Semana do Índio, promovida pela Universidade Federal da Bahia — Departamento de Antropologia e o convênio Funai-UFBa, começa hoje com uma série de programações na Biblioteca Central dos Barrios, com a sessão de abertura às 16h. A chefe do Departamento de Antropologia da UFBA, Maria do Rosário G. Carvalho falará sobre as razões da realização da Semana do Índio em Salvador. Às 17h a palestra "A Situação Atual dos Grupos indígenas do Brasil-Análise Crítica da Política indigenista, do professor Roberto Cardoso de Oliveira, da Universidade Nacional de Brasília.

Para às 20h está previsto a abertura da exposição de Material Etnográfico e de Fotografias. Finalizando a programação do primeiro dia de comemorações da Semana do Índio, será exibido o filme etnográfico "Roni", de Joan Pierre Dutilleux e Luis Carlos Saldanha. A palestra "A ação do Cimi Junto aos Grupos Indígenas do Brasil, às 17h30min, abrirá a programação da terça-feira. E o filme etnográfico a "Juricaba" de Osvaldo Caldeira, às 20h, encerra as atividades.

Os organizadores da Semana informaram que a programação de quarta-feira é a seguinte: palestra sobre o Índio Brasileiro e sua Visão de Mundo do professor Anthony Seeger, do MNRJ, às 16h; meia hora depois, haverá uma Assembléia dos Chefes Indígenas da Área Norte da Bahia; Às 20h, exibição do filme Paukararu de Vladimir Carvalho e Jorna da Kamayurá de Heinrich Forthmann. Dia 19 — palestra o Brasil Indígena do professor Eduardo Viveiro de Castro, do MNRJ, às 16h. Às 17h30min — Assembléia dos Chefes Indígenas da Área Sul da Bahia. Às 20h — Mesa Redonda sobre A Política Indigenista Brasileira". 21h — Exibição do Filme Kanela de Sorensen, A Lenda de Ubirajara de André Luis de Oliveira, depois debate com o diretor André Luis de Oliveira.

Dia 20 — às 16h palestra "O Ofício do Etnólogo", pelo professor Roberto da Mata do MNRJ; às 17h30min exibição do filme Kwarp de Heinrich Forthmann, Uirá de Gustavo Dahl e, às 20h, Mesa Redonda sobre "O Índio no Carnaval", com participação de representantes de blocos carnavalescos.



Os índios balanos reclamam seus direitos, especialmente

TERÇA-FEIRA — 17 DE ABRIL DE 1979



Fotos Agliberto C. Lima

Pataxós participam da Semana do Índio ontem iniciada em Salvador

Criticada emancipação do índio

Da sucursal de SALVADOR

A contradição existente na política desenvolvida pelo Ministério do Interior, de um lado protegendo o índio e, de outro, promovendo a expansão do capitalismo no campo, "que invariavelmente implica na marginalização do indígena", foi apontada pela antropóloga Maria Hilda Baqueiro nos debates que seguiram à abertura, ontem, da Semana do Índio em Salvador.

Além do que chamou de "paradoxo" vivido pelo Ministério do Interior, Maria Hilda considerou que a tentativa de emancipar o índio seria uma maneira de resolver parcialmente o problema que representam: "emancipado, ela disse, o indígena não seria um obstáculo ao projeto de modernização do campo". Já o antropólogo Rafael Bastos, ligado à Funai mas falando em seu nome pessoal, conforme ressaltou, referiu-se à falta de solução de continuidade na política indigenista brasileira e afirmou que, no essencial, o índio é sempre visto como um obstáculo à modernização, e o máximo que o governo pretende é, emancipando-o, aproveitá-lo como for-

ça de trabalho para as iniciativas empresariais. Rafael Bastos chamou a atenção, ainda, para o fato — que disse não ser por acaso — de o problema indígena ter sido sempre confiado ao que chamou de "Ministério da Fronteira", ou seja, o Ministério encarregado da expansão da fronteira agrícola. Segundo Bastos, o índio sempre esteve na dependência das iniciativas econômicas que se desenrolam no campo.

Nenhuma avaliação da política adotada pela nova direção da Funai foi discutida ontem pelos debatedores da "Semana do Índio", diante do fato de seus diretores terem assumido há pouco tempo, mas o antropólogo Roberto Cardoso Oliveira, da UFBA, afirmou que "a acreditar em intenções", as propostas da Funai até o momento dão algumas esperanças. A maioria dos antropólogos, no entanto, manifestou apreensão pelo fato de o ministro do Interior ser Mário Andreazza: Rafael Bastos, por exemplo, disse que "afinal, foi ele quem abriu a Transamazônica, a Perimetral Norte e várias outras estradas que prejudicaram acentuadamente a vida dos indígenas". Amanhã, será realizada uma assembléia dos índios do Norte da Bahia.



A índia ouve os debates

Denunciada manobra de fazendeiros

Da sucursal de CURITIBA

O ministro Mário Andreazza tem em mãos um memorial assinado por fazendeiros de cacau pedindo a extinção da reserva indígena de Itaju da Colônia, no Sul, da Bahia. Alegando que não existem mais índios naquelas terras, os fazendeiros dizendo-se posseiros, pedem a libertação de 14 mil dos 50 mil hectares originais demarcados em 1926 pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio.

A denúncia foi feita ontem em Curitiba pelo antropólogo e ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, Olímpio Serra, primeiro conferencista da Semana do Índio, promovida pela seccional da Associação Nacional de Proteção ao Índio, no Paraná. Segundo ele, o documento foi entregue ao ministro Mário Andreazza na semana passada, durante sua visita a Salvador.

"Acobertados sob o sistema de arrendamento das terras indígenas — afirmou Olímpio Serra — eles se apresentam no documento entregue ao ministro como posseiros. E mais, afirmam mentrosamente que não existem mais índios na região, quando sabemos que há pelo menos mil descendentes dos pataxós, cariris e tupiniquins, na maioria vivendo em condições miseráveis e trabalhando para eles nas fazendas de cacau".

Na verdade, o documento entregue ao ministro, segundo o antropólogo, representa uma nova investida dos fazendeiros e políticos da região de Itaju da Colônia e Pau Brasil contra as terras indígenas demarcadas em 50 mil hectares pelo SPI. No ano passado, a Funai, segundo Olímpio Serra, cedeu a pressões e deixou de redemarcar 14 mil hectares que sobram para os índios. Essas mesmas terras estão sendo reivindicadas agora ao ministro Andreazza. Em 1934, explicou o antropólogo, os tupiniquins que viviam perto de Salvador foram expulsos e acabaram em Itaju da Colônia e Pau Brasil, onde mais tarde outros grupos indígenas se instalaram.

PLO: JOURNAL 2249/79
 Fl: 09
 Rubrica A

Memorial de Itaju

Inconformados com os 50 mil hectares demarcados pelo ex-Serviço de Proteção ao Índio como de propriedade indígena, fazendeiros localizados na zona de Itaju do Colônia, enviaram memorial ao Ministro do Interior, Mário Andreazza, solicitando a anulação do ato e a liberação de 14 dos 50 mil hectares de terras.

Dizendo-se posseiros, os fazendeiros que assinaram o documento, alegam que não existem mais índios naquela região, o que foi contestado em Curitiba pelo antropólogo e ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, Olímpio Serra, que declarou durante uma Conferência na Semana do Índio, o seguinte: "Acobertados sob o sistema

de arrendamento das terras indígenas, eles se apresentam no documento entregue ao ministro como posseiros. E mais, afirmam mentirosamente que não existem mais índios na região, quando sabemos que há pelo menos mil descendentes dos pataxós, cariris, tupiniquins e na maioria, vivendo em condições miseráveis e trabalhando para eles nas fazendas de cacau".

Cabe agora ao governo do Estado e ao próprio Ministério do Interior enviar uma comissão de técnicos à Itaju do Colônia a fim de verificar a existência ou não de indígenas naquela área.

A terra do índio

A Semana do Índio, que está sendo realizada na Biblioteca Central, em Salvador, está girando fundamentalmente em torno de uma questão concreta, levantada pelos índios Pataxós: a de que lhes seja entregue toda a área do Parque Nacional do Monte Pascoal, 22 mil hectares de terra, que se estende desde o monte de cabeça arredondado, avistado por Cabral, até Porto Seguro.

O cacique Turumim, o subcacique Itapira e a índia Josefa Ferreira, portavozes de 1.050 pataxós sobreviventes, não fazem por menos: só recebem a terra toda. O caso para eles, aliás, é de restituição, porque "antes de existir IBDF havia índio", e a essa razão de ordem histórica ajuntam outras, como as de que foram eles que preservaram a mata e só eles podem impedir que a caça predatória venha a extinguir toda a fauna da região.

De seu lado, o IBDF tem razões de historicidade a alegar, a de que nessa área se deu o descobrimento do Brasil, a que se somam inevitavelmente as de natureza turística, que não poderiam ser devidamente atendidas se todo o parque fosse entregue aos índios. Alega mais, que ele é muito extenso para que apenas 1.050 pataxós possam ocupar e proteger, e garante a doação de uma área suficiente para a sobrevivência dos índios até o ano 2.000.

X
X X

As razões de ordem histórica que estão sendo alegadas são incontestáveis e não levam à conclusão outra que não seja a opção feita em função do valor que for atribuído a cada uma delas. É claro que aqui havia índios antes que houvesse IBDF, ou melhor, antes que houvesse portugueses ou brancos de qualquer nacionalidade, como não é menos certo de que à área foi atribuído um novo valor, a partir do momento em que os tripulantes das caravelas e navios redondos avistaram o monte e depois, mais acima, pisaram a terra que seria o Brasil. É fazer a opção.

Mais importantes, todavia, parecem-nos as razões de preservação que estão sendo alegadas, ambas as partes concordantes em que ela deve ser assegurada. Ora, isto nos leva ao exame de circunstâncias atuais que envolvem

Mas, a pergunta que cabe inicialmente fazer é a seguinte: e salvaram-se mesmo, isto é, permanecem intocáveis as reservas de madeiras de lei — principalmente jacarandá —, estão efetivamente protegidos os animais que vivem nessa mata sobrevivente?

Informações seguras que nos chegam da região oferecem respostas negativas a essas perguntas, e o próprio IBDF as confirma, argumentando que os quatro guardas de que dispõe — quatro guardas para vigiar e proteger 22 mil hectares! — não podem impedir que caçadores furtivos apareçam na área, embora admita, consoladoramente, que eles são "um ou outro". Não há muito tempo, todavia, que o chefe desses guardas esteve em Salvador e, falando pela televisão, disse que não só caçadores mas que caminhões de madeiros atuavam clandestinamente na zona, sem que ele tivesse condições para reprimir o saque.

Comprovada a importância do órgão oficial, cabe então a segunda pergunta: e não teriam os índios Pataxós condições de assegurar a proteção desse patrimônio, se toda a área lhes fosse entregue ou reentregue, sem a presença, para eles incômoda, dos civilizados?

Parece óbvio que isto seria impossível. A nova e imensa reserva indígena só poderia resistir à fúria devastadora e ao poder econômico dos madeiros — mais nocivos estes ainda do que os caçadores — se contassem com um forte esquema de segurança montado pelo poder público, esquema que até agora não existiu para proteger quase todo o extremo sul. E isto seria como que fazer voltar o problema à estaca zero.

X
X X

Em face dos altos valores que estão em jogo — a necessidade de assegurar ao índio a posse da terra que lhe garanta a sobrevivência; a de manter, com o respeito devido, o prestígio histórico do local do descobrimento; sobretudo a de preservar a única reserva florestal que nos resta —, entendemos que o assunto deve ser estudado e resolvido sem passionismos, que dificilmente nos conduziram à solução melhor.



Proc. FUNAI 2249/79
Fls 10
Rubrica

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO

Diretor-Substituto: ROGÉRIO MARINHO

MINISTERIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

FUNAI

CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 001/79

AVISO

A Comissão Permanente de Demarcação de Terras, designada pela Portaria nº 189P, de 12 de março de 1975, do Sr. Presidente da Fundação Nacional do Índio, torna público para o conhecimento dos interessados que, às 9 horas do dia 14 de março do corrente ano, se reunirá no 7.º andar do bloco "A" — setor de autarquias sul — quadra 1 — Ministério do Interior — Brasília — Distrito Federal, para recebimento e abertura de propostas para execução dos trabalhos de medição e demarcação das seguintes áreas indígenas: Lauro Sodré e Umariapu — município de Benjamin Constant/AM; Baú/Menkrantire — município de Altamira/PA; Mundurucu (complementação) — município de Itaituba/PA; Kiriri — município de Ribeira do Pombal/BA; Massacará — município de Euclides da Cunha/BA; Funil — município de Tocantina/GO; Kaxarari — município de Porto Velho/RO; e Labre/AM, Mangueira, Anta, Pium, Boqueirão, Truaru, Serra da Moça, Sucuba, Taba Lascada, Malacacheta, Manoa Pium, Jacamim e Canaunim — município de Boa Vista/RR; Kaxinawá do Igarapé Paróá — município de Envira/AM; Katukina — municípios de Feijó/AC e Envira/AM; Poyanawá — municípios de Cruzeiro do Sul/AC e Ipixina/AM; Kampa, Kulina, Kulina do Igarapé do Pau e Kaxinawá — município de Feijó/AC; Kulina da Aldeia Santo Amaro, Kulina da

Aldeia Maronawa e Kaxinawa da Aldeia da Fronteira — município de Manoel Urbano/AC; Nukini e Jaminawa — município de Cruzeiro do Sul/AC.

Informações complementares e documentação referente à concorrência poderão ser adquiridas nos seguintes endereços: 1.ª Delegacia Regional — Rua dos Andradas, 473 — Avenida Nazare, 489 — Manaus-AM; 2.ª Delegacia Regional — Belém-PA; 3.ª Delegacia Regional — 7.ª Delegacia Regional — Rua Marcos Amorim, 234 — Rua 261/B, nº 267, quad. 109, L. 5 — Recife-PE; 4.ª Delegacia Regional — Setor Universitário — Goiânia-GO; 5.ª Delegacia Regional — 10.ª Delegacia Regional — Av. Getúlio Vargas, 1000 — Avenida Consolata, 919 — Porto Velho-RO; 6.ª Delegacia Regional — Boa Vista-RR; 7.ª Delegacia Regional — Ajudância do Acre — Escrit. Represent. Rio Janeiro — Rua Francisco Ribeiro, 93 — Av. Pres. Wilson, 164 — 11.º andar — Rio Branco-AC; 8.ª Delegacia Regional — Rio de Janeiro-RJ, Departamento Geral do Patrimônio Indígena — Setor de Autarquias Sul — Q. 1 — Bl. "A" — 8.º andar — Ministério do Interior — Brasília-DF.

Dra. Laia Mattar e Rodrigues
Presidente C.P.D.T.

Proc. FUNAI 2249/79
Fls. 11
Rubrica [assinatura]

Foco FUNAI 2249/79

Fis 12

Rubrica

A TARDE — TERÇA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1979



TERÇA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1979

Página 6 - Correio da Bahia

2249/79
13
Rubrica

Índios

O antropólogo Anthony Seeger declarou durante a II Semana Nacional do Índio, que a "A arena dos índios já não é somente a aldeia. Hoje, eles estão procurando um lugar na vida política nacional". O antropólogo disse ainda que a tutela da Funai está sendo usada contra os índios para impedi-los de organizar-se, e mantê-los afastados do contato dos antropólogos, igreja e a própria imprensa. "É uma tutela destinada a controlar os índios e impedir que viagem e possam discutir entre si seus problemas", esclareceu. Hilda Paraíso, coordenadora do convênio UFBA e Funai, disse que a Semana do Índio foi para chamar a atenção pública nacional para os problemas do índio, mas especialmente no Nordeste, "principalmente em relação à situação dos índios aculturados, que despertam menos atenção, mas que vivem problemas idênticos ou piores que os não aculturados". Informou que o maior problema dos indígenas na Bahia é a posse da terra. Os Pataxó tinham direito a 50 mil hectares e com a demarcação da Funai receberão apenas seis mil.

Proc. FUNAI

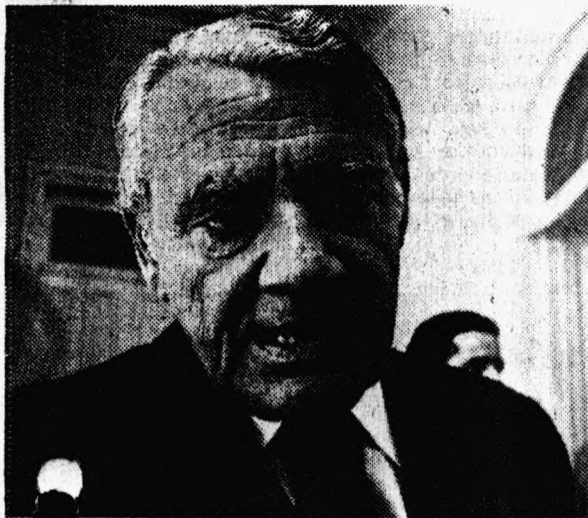
2249/79

Fls.

14

Rubrica

Segunda-feira, 23 de abril de 1979



Mário Andreazza, do Minter

ÍNDIO INCLUÍDO NA PREVIDÊNCIA

A extensão dos benefícios da Previdência Social aos índios foi anunciada ontem pelo ministro do Interior, Mário Andreazza. Terão também proteção à saúde, através da assistência médico-sanitária, à infância e à velhice. O Ministro assegurou ainda que a idéia da emancipação dos índios foi totalmente abandonada. Segundo Andreazza, está incluída nos planos da Funai a defesa dos bens materiais do índio, sintetizados no seu patrimônio comum, através de uma gestão adequada por parte do órgão assistencial, enquanto não demonstrem capacidade efetiva para dirigir seus próprios bens, propiciando, entretanto, a sua participação.

Assegurou o ministro do Interior que a demarcação das áreas indígenas será intensificada, juntamente com a execução de proje-

tos de desenvolvimento comunitário a partir da subsistência dos grupos. Aos índios mais aculturados — observou — será dada formação profissional, paralelamente ao estímulo ao trabalho artesanal. Também consta dos planos do Ministério do Interior o aprendizado da leitura e escrita da língua portuguesa para os grupos que mantêm contato permanente com a comunidade nacional.

Apesar de não se saber, ainda, qual a contribuição que os índios terão para com a Previdência, o ministro Jair Soares já manifestou sua disposição de não deixar nenhuma camada da população sem os benefícios previdenciários, no qual se inclui, também, os índios. Para isso, já existe um grupo de estado formado por técnicos do Inamps e da Funai, que examina a fórmula ideal de inclusão no sistema de previdência.

Proc. FUNAI 2249/79
Fls. 15
Rubrica

Página 2 - Correio da Bahia

Terça-feira, 24 de abril de 1979

O problema do índio

O índio continua um problema na comunidade nacional. E este problema não é apenas brasileiro. Onde há índios, eles são elementos de difícil assimilação. Na América do Norte, por exemplo, enquanto os pretos fazem tudo para participar da vida do branco, os índios buscam se isolar nos seus "pueblos" onde são tudo. Os crimes entre eles praticados são por eles mesmo julgados.

O índio brasileiro não é tanto assim. Os que conseguiram ser civilizados têm boa convivência com brancos e mulatos. Não se isolam. Integram-se na vida social do país, quando possível. O que eles não quiseram nem querem é perder o pedaço de terra para a sua lavoura. Daí a sua maior luta. E o poder público tem, vez por outra, que interferir para que seja respeitado o seu direito.

A população indígena brasileira vem sendo, aos poucos, reduzida. Ela que vivia segregada, ao entrar em contato com a civilização, ficou sujeita a todos os males que dizimam os brancos. E que eles sempre viveram imunes, mesmo às infecções mais banais. Têm havido casos de epidemias mesmo de varicela entre eles, com alto índices de mortalidade.

O índio brasileiro é porém, de um modo geral, dócil e de fácil assimilação. E desde o nosso descobrimento. A primeira missa rezada em território nacional, assistiram com atenção; Anchieta não teve dificuldade em ensinar a eles as primeiras letras, nem as noções religiosas. É que o nosso índio é bom, é socializável, é atencioso, é fácil de ser conduzido à civilização. E criaram um espírito reivindicatório. O índio já sabe o que quer e como quer. E dialoga com as autoridades. E expõe, com propriedade, os seus pontos de vista. Impõem mesmo a mudança de funcionários de serviço, quando estes não se ajustam à sua norma de vida. E os índios são atendidos.

Os colonizadores do país mostraram, às gerações que vieram depois, qual o melhor meio de trazer o indígena à civilização. Não há de ser com ameaça. Antes dando-lhe razão para, mais adiante, mostrar o erro do que pretendiam. E nada de impor. Nada de pistola na cintura temendo ter que enfrentar o arco.

O problema da terra do índio está mais ou menos regularizado. Claro que com a redução da população de cada tribo, não há necessidade de lhe ser assegurada a mesma extensão de gleba. Daí não se conclua porém, que se devolva ao branco a melhor terra, ficando para o índio a pior. Mas tudo isso tem que ser resolvido de comum acordo. Na Bahia, por exemplo, o que resta da nossa população indígena é quase nada.

O governo tem tido problemas porém, e não pequenos com as ordens religiosas que fazem a catequese do indígena. Os padres, por vezes, não se limitam à formação religiosa do índio; ele busca também incutir-lhes as orientações políticas, em certos casos contra o governo, e a Funai enfrenta problemas. O catequista que é o que está mais próximo do índio tem mais força com ele. Sua palavra é mais merecedora de fé. E alguns casos têm se verificado, verdadeiras sublevações.

O índio é bom e tem que ser orientado dentro da sua tendência, que é de fazer o bem. É orientá-lo em favor da ordem constituída. Mesmo porque o índio já reivindica o direito de votar e de ser votado. Claro que, como brasileiro, ele não está inelegível, desde que se torne eleitor. A bondade do índio porém, quando chegar esse instante, não deve ser mal explorada, demagogicamente, o índio tem que ser esclarecido. Tem que saber distinguir entre o bem e o mal. E, só assim, ele se integrará, plenamente, na comunidade nacional.

JORNAL DA BAHIA Salvador, Domingo 22 de Abril de 1979

FIC: FUNAI

2249/79

Fls

16

Rubrica

Noticiário Local 15

Problema do índio está diretamente ligado às mudanças na sociedade

Recebendo aplausos do público presente ao auditório da Biblioteca Central o professor da UFBA., Carlos Dias, assegurou, sexta-feira que "o problema do índio se poderá ser resolvido através da reformulação da sociedade brasileira. O sistema da sociedade indígena é socialista e nunca se poderá integrar o índio dentro desse sistema que está aí". Na mesa-redonda sobre "Política Indígena Brasileira", uma das últimas atividades de encerramento da "Semana do Índio", ele chamou atenção para a necessidade de se respeitar o índio como gente e não como objeto raro.

— "Essa ignorância tem que acabar. Tem que haver uma tomada de consciência das pessoas que precisam refletir o quanto de índios elas têm". Ressaltou que os civilizados que hoje comem feijão, farinha, mandioca, esquecem que esses alimentos foram produzidos por indígenas, antes mesmo que eles chegassem ao País.

"Essa é uma cultura de maior respeito, mas nas enciclopédias não existem referências sobre os índios à sua participação no princípio da coisa". O professor ainda salientou que "infelizmente", os antropólogos perdem esse ponto de vista cultural.

FALTA INTERESSE

Na opinião do professor Carlos Dias, o problema do índio é muito maior e não se pode olhá-lo de maneira isolada. "Mas o que se vê é a falta de interesse da parte civilizada em resolver os seus problemas. Existe uma contradição entre o índio e a sociedade que está aí. Na verdade, o problema é basicamente o mesmo da época da colonização: a sociedade brasileira não, se interessa em resolver os problemas dos índios. O que acontece foi a ação devastadora de destruição e usurpação dos bens materiais e espirituais dos índios".

Hoje, segundo ele, as pessoas são submetidas a informações falsas e coisas absurdas estão escritas nos livros didáticos. Também participando da mesa-redonda, a professora Maria Hilda Barqueiro Paraiso, reforçou o pensamento de Carlos Dias, ao afirmar que, com a imagem que é vendida nos livros didáticos nunca vamos obter no País, uma consciência do problema do índio. Ela sugere a reformulação dessa imagem vendida às crianças sobre o índio no Brasil, "caso queiramos formar uma consciência de luta sobre o problema". Lembrou que já viu livros com ilustração de índio comendo perna de gente.

Ao afirmar que o problema do índio é, acima de tudo, da sociedade brasileira, numa grande extensão, o professor Carlos Dias disse não que não é admissível pensar no índio como elemento, categoria étnica, separada da sociedade. "Se nós quisermos ser Brasil precisamos respeitar os indígenas. O índio somos nós. Ele tem muito a ensinar, na medida em que a própria sociedade brasileira apresenta padrões falidos, de origem européia, absolutamente falida".

A TARDE — TERÇA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1979



Os índios também estão participando das palestras nos Barris.

Cacique critica IBDF na "Semana do Índio"

O cacique Taruri, da tribo Pataxós, disse ontem na Biblioteca Central, nos Barris, onde está sendo realizada a "Semana do Índio", que "índio quer terra e índio mesmo cuida da terra, não precisa branco tomar conta de nada". Taruri estava acompanhado de seus primos Tapira e Josefa, e os três fizeram críticas ao IBDF, afirmando que "antes de existir IBDF já existia índio." Eles se referiam aos guardas que o governo colocou para defendê-los, em Porto Seguro.

A "Semana do Índio" teve início às 16 horas, com uma palestra do professor Roberto Cardoso de Oliveira, da Universidade de Brasília, que falou sobre os índios "Tereno", do sul de Mato Grosso, "tidos pela Funai como a única reserva de indígenas praticamente emancipada, embora eles não admitam isso". Sobre a emancipação indígena ele não fez maiores comentários, mas espera que o projeto fique no arquivo do governo, como desejam os antropólogos e todos os que lutam em favor dos índios no Brasil.

A LUTA DOS ÍNDIOS

Respondendo a todas as perguntas feitas pelos repórteres, Taruri e Tapira não perdiam uma oportunidade para dizerem que "o que importa pra gente é a terra que o IBDF quer tomar". Eles vivem com cerca de 1.050 companheiros em Porto Seguro, numa área que basicamente não têm

idéia de quanto seja, mas garantem que sabem zelar porque "os guardas que o IBDF colocaram na nossa terra só querem carro bonito e dinheiro no bolso". Indo mais adiante Taruri disse que "se os guardas tivessem mesmo tomando conta da gente não deixava civilizado entrar na nossa terra". Taruri, Tapira e Josefa, se reunirão na próxima quinta-feira às 17 horas com vários índios, para discutir assuntos relacionados com a vida de cada um.

Essa reunião, a ser realizada na Biblioteca Central, a professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas da UFBA, considera uma "oportunidade rara, onde os índios da Bahia vão discutir os seus problemas juntos." Ela falou, ainda, com uma das coordenadoras da "semana", que um dos objetivos da promoção é de projetar os índios aculturados, uma vez que apenas os não aculturados despertam o interesse das pessoas. Ninguém fala, por exemplo, segundo ela, nos índios Pataxós, Há Hã Hã Tuxá, Kaimbé, Kariri e Pandaré.

Quanto ao problema fundamental do índio, Maria Hilda afirmou que se trata, sem dúvida nenhuma, da posse e do uso da terra e por isso, amanhã, às 17 horas, vamos fazer uma assembléia com os índios do norte e na quinta-feira, também às 17 horas, teremos outra assembléia com os grupos indígenas do sul". Sobre a nova política a ser adotada

pela Funai, inclusive com o projeto de emancipação do índio, ela declarou que "de uma maneira geral não acha viável uma mudança de política no órgão, desde quando essa política de expansão capitalista rural vai prejudicar os poucos grupos indígenas do Brasil". Acredita, também, que há uma contradição no próprio Ministério do Interior, que é o responsável pela conquista da área ao mesmo tempo em que é pela preservação dos grupos indígenas."

PROGRAMA DE HOJE

A "Semana do Índio" é uma promoção do Departamento de Antropologia da UFBA, Funai, Fundação Cultural do Estado, Secretaria de Educação e Cultura do Município, com apoio de outros órgãos e tem como objetivo debater a realidade indígena, lançando no seu término, dia 20, um documento às autoridades governamentais sobre a situação do índio brasileiro.

Para hoje, às 16 horas, a programação consta de uma palestra do professor Pedro Agostinho da Silva sobre "A Situação dos Índios da Bahia e a proposta de trabalho do Projeto de Pesquisas sobre as Populações Indígenas da Bahia", às 17:30m, um representante do Conselho Indígena Missionário falará sobre "A ação do Cimi junto aos grupos indígenas do Brasil", e às 20 horas exibição do filme "Ajuricaba", de Oswaldo Caldeira.

oc FUNAI 2249179
17
Rubrica

A TARDE

Fundador: Ernesto Simões Filho

SALVADOR, BAHIA — TERÇA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1979



Floc. FUNAI 2249/79
 Fis. 18
 Rubrica [assinatura]

O cacique Taruri não poupou críticas à ação do IBDF em Porto Seguro

Cacique Taruri tece críticas à ação do IBDF

Acompanhado de seus primos Tapira e Josefa, o cacique Taruri, da tribo Pataxós, criticou o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, ontem, durante a abertura da Semana do Índio, na Biblioteca dos Barris. Referindo-se aos guardas que o IBDF colocou em Porto Seguro, Taruri lembrou que "índio quer terra e índio mesmo cuida da terra, não precisa branco tomar conta de nada". Segundo o cacique, os guardas "só querem carro bonito e dinheiro no bolso; se tivessem mesmo tomando conta da gente não deixava civilizado entrar na nossa terra". A

Proc. FUNAI 2249/79

Fls. 19

Rubrica

Salvador, Quinta-Feira 19 de Abril de 1979 JORNAL DA BAHIA

Antropólogo denuncia que índios sofrem restrições

Falando sobre a situação do índio na Bahia, em continuidade à Semana do Índio, o professor Pedro Agostinho da Silva, antropólogo da Universidade Federal da Bahia afirmou ontem que todos os indígenas do Estado estão praticamente aculturados, mas continuam sendo discriminados e impedidos de participarem do sistema econômico das regiões que habitam.

Para o professor Agostinho, a política indígenista do Estado deve basicamente proceder a uma definição das terras indígenas, assegurar condições de saúde e tratar da criação de projetos de antropologia para serem aplicados nas regiões onde vivem os índios e permitir que eles participem dos sistemas econômicos da região de uma maneira mais adequada.

PRESSOES

Segundo o antropólogo existe sobre os índios uma grande pressão por parte dos fazendeiros que pretendem tomar as suas terras, e que o Estado está dividido em três regiões, para efeito do estudo antropológico, sendo que uma delas se subdivide em duas.

Ao Sul — explicou Agostinho — fica uma área coberta de florestas (a mata atlântica), onde ha-

bitaram no passado os Tupinambás. No São Francisco, subdividem-se duas zonas, uma da caatinga, outra do Vale do São Francisco e por fim, a última, nos Chapadões. Na primeira área estão os Patachôs, no Parque Nacional do Monte Pascoal, ao lado dos Paraguassu. e Caramuru localizando-se na primeira sub-área, três grupamentos de índios: um deles dividido em dois. Ao todo, estão nessas áreas os grupamentos dos Cariri, Caimbê, Pancararê, Trucas e Arinembe.

Os Trucas estão em vias de perder as suas terras em consequência da Barragem de Itaparica, que deverá submergir todas essas áreas onde vivem, ocasionando um sério problema para sua sobrevivência.

CONFLITOS

Disse ainda o professor Agostinho que existem várias áreas em demarcação, já contestadas pelos fazendeiros, a exemplo da área Itaju do Cotonia, na região cacaueteira. Lá, a questão está para ser decidida pela própria Funai, fazendo com que se cumpra a Lei Federal nesse sentido.

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS. 473, p. 22/68

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Quarta de jornal

Localização:

Caixa 22

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3. PSS.473, p. 23/68

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Relatório de jornal

Localização:

Caixa 22.

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS.473, p.24/68

Dados do documento especial

Característica:

Grande formato

Conteúdo:

Recorte de jornal

Localização:

Caixa 22

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

**Remissiva de arquivamento de documentos especiais**

Notação:

B.LAN, BSB, AA3, PSS. 473, p. 25/68

Dados do documento especial

Característica:

Grande formato

Conteúdo:

Quarto de jornal

Localização:

Caixa 22

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

**Remissiva de arquivamento de documentos especiais**

Notação:

BRAN, BSB, AA3, PSS.26/68

Dados do documento especial

Característica:

grande formato

Conteúdo:

Revista de jornal

Localização:

Caixa 22

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

documento não digitalizado

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

PSS. 473, p. 27/68

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

DE MAXACALI NR 04 PLS 200 DT 3003 HS 1200

RECEBIDO DE PPI34 AS 301430 POR GIL/IV

ENDERECO

DGO/BSB

MINTER -
FUNAI BRASÍLIA - DF
SATEL

30 MAR 1979

PPI 21 N.º BSB
CONTROLE N.º 2182

TEXTO E ASSINATURA

S/N DE 30.03.79 PT ESTEVE NESTE PI O CASAL NAO SE IDENTIFICANDO QUERENDO A TODO CUSTO VISITAR OS INDIOS PT DECLAROU SER MUITO AMIGO DO FRANCISCO BRASILEIRO ET QUE RESIDE EM SAO PAULO PT ESTAVAM EM UMA VARIANTE, CHAPA CAMPO DO JORDAO PLACA XB-6317 PT VIERAM EXPECIALMENTE NESTE PI APOS IREM A PATAXOH SEGUNDO SUAS DECLARACOES PT SAO AGRESSIVOS NO TRATAMENTO NAO SE IDENTIFICANDO ALEGANDO NAO PRECISAR DE EMPREGO POIS SABEM VIVER QUE EH O IMPORTANTE NOTAVA EMBORA A MULHER GRAVIDA NOS ULTIMOS MESES EH / QUEM DOMINA TODA A SITUACAO O RAPAZ EH DO TIPO CABELUDO ET BARBUDO MULATO CLARO MAIS OU MENOS UM METRO ET SETENTA DE ALTURA PT EM PRINCIPIO APARENTEMENTE PELAS SUAS CONVERSAS SAO REPORTERES DO LADO COLORADO NAO / ACEITAM NOSSAS PONDERACOES SO FALA EM ABERTURA ET LIBERDADES PT SAO OPOSICIONISTAS VG DECLARARAM NAO ACEITAR AS EMANCIPACOES QUE ESTAO APAVORADOS COM A DEVASTACAO DAS MATAS ET QUE A FUNAI MAIS CEDO OU MAIS TARDE

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

P55.473, p.28/68

- MINTER -
FUNAI BRASÍLIA - DF
SEAL

30 MAR 1979

PPI 21 BSB
CONTROLE Nº 3001

DE NR PLS DT HS

RECEBIDO DE ÀS POR

ENDEREÇO

CONT RDG NR S/N DE 30.03.79 DE MAXACALI

TEXTO E ASSINATURA

VAI TER QUE ABRIR MAO QUANTO AS EXISTENCIAS ATUAIS PT QUE ESTAVAM CHEIOS OBSERVAR ORGANIZACAO DOS CIVILIZADOS ET QUE QUERIA JUSTAMENTE OBSERVAR ACOES INDIOS PT ACONSELHEI NESTA SITUACAO QUE PROCURASSEM OS INDIOS DA AMAZONIA EM ESPECIAL PORQUE AINDA NAO TIVERAM CONTATO COM OS BRANCOS CASO CONSEGUISSEM ATRAVES DAS AUTORIDADES COMPETENTES PT VAMOS AGUARDAR OS ACONTECIMENTOS POREM TUDO INDICA DESTA VISITA A ORGANIZACAO SER UMA TRAMA SUBVERSIVA CONTRA A FUNAI PT SOLICITO DAR CONHECIMENTO AO SI PARA OS DEVIDOS FINS PT SDS

CEL BLOISE DEL 11A DR

Em 30.03.79.
Encaminhei - e a ASI.
Nestor da Silva
Assistente - DGO

ASI/FUNAI
N.º 256179
EM 08/04/79

Resp. DGO



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

FUNAI-260	
Entrada:	7-5-79
Horário:	10:20
Em nome de:	Cláudio
Rubrica:	[Assinatura]

Em 09-05-79

1- Ao Sr. Superintendente Administrativo solicitando tomar conhecimento e posteriormente encaminhar a presente documentação ao Sr. Chefe da ASI, para anotação.

2- Outrossim, informo a V. Sa., que sobre a permanência dos índios na residência da Antropóloga Maria do Rosário, da UF Salvador - Bahia, a pedido do Sr. Diretor do DAI PC, foi mandado àquela UFBA o médico da 11ª BR, sediada em Governador Valadares, para recomendar os referidos índios às suas respectivas aldeias.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Departamento de Criações
Nestor da Silva
Diretor Substituto
Port. 185



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Encaminhe-se à ASI, acolhendo sugestão do
DGO.

Brasília, 09 de maio de 1979.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Pedro Paulo Fatorelli Carneiro'.

Pedro Paulo Fatorelli Carneiro
Superintendente Adm./FUNAI

Am, 21.05.79.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Alvaro Esteves Caldas'.

Alvaro Esteves Caldas
Assessor Chefe da ASI/FUNAI

PASSA MARIO
PSS, 473, p 31/68

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

CONFIDENCIAL

DE GVR NR 17 PLS 200 DT 02/12 HS 1240

RECEBIDO DE PRV380 AS 021300 POR PNF/JR

ENCERECO

DIR DGO/SA/BSB UU

MINTER - FUNAI BRASILIA - DF
SETEL

[Handwritten mark]

PPI 21 - BSB

CONTROLE Nº 21858

TEXTO E ASSINATURA

NR 1124/11 DE 021280 - COMUNICO VSA VG ESTIVERAM ONTEM PI PATAXOH ANTRO-
POLOGA MARIA DO ROSARIO VG UFBA VG ACOMPANHADA ASSISTENTE ET RELIGIOSO
PT REFERIDOS ELEMENTOS VG EM FLAGRANTE DESRESPEITO REPRESENTANTE FUNAI
AREA VG NAO SE APRESENTARAM PARA IDENTIFICACAO ET REUNIRAM PEQUENO GRU-
PO INDIOS INSATISFEITOS DEMARCAAO INCITANDO MESMOS SE MOBILIZAREM CON-
TRA ACORDO FIRMADO FUNAI/IBDF/COMUNIDADE INDIGENA PT, NAO BASTASSE ISSO
VG ESTAO INTERFERINDO LIDERANCA INTERNA SENTIDO DESTITUICAO ATUAIS LI-
DERANCA COM OBJETIVO ELEGER NOVOS QUE SIRVAM SEUS INTERESSES CONTESTA-
CAO ATUAL POLITICA INDIGENISTA PT CONSIDERANDO ASSUNTO VG ENCARECO VSA
PROVIDENCIAS NECESSARIAS DENUNCIA CONVENIO ET CONSEQUENTE PROIBICAO IN-
GRESSO AREA INDIGENA SOB PENA VOLTARMOS DISCUTIR TODOS ASSUNTOS JAH RA-
TIFICADOS VG INCLUSIVE MINISTROS INTERIOR ET AGRICULTURA PT OUTROSSIM

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

DE CONT NR PLS DT HS

RECEBIDO DE AS POR

ENCERECO

CONT ...

MINTER - FUNAI BRASILIA - DF
SETEL

[Handwritten mark]

PPI 21 - BSB

CONTROLE Nº 21859

TEXTO E ASSINATURA

VG SEGUNDO CONSTAR REFERIDA ANTROPOLOGA TERIA FORNECIDO DINHEIRO PA-
RA DESLOCAMENTO INDIO PAULO BRUNA VG BENEDITO BRAZ ET JOSE FARIA NAS
CIMENTO VG A BSB VG OS QUAIS ENCARECO NAO SEJAM SEQUER OUVIDOS ESSA /
SEDE VG POIS NAO REPRESENTAM QUALQUER LIDERANCA INTERNA ATEH O PRESEN-
TE MOMENTO PT CACIQUE TURURIM ET SUB CACIQUE ALFREDO ESTAO PLENAMENTE
SATISFEITOS COM ACORDO ASSINADO PT CARLOS GROSSI DEL 11A/DR GVR

ASI/FUNAI

N.º 1729/80

EM 02/12/80

PSS.473, p.32/68

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

~~CONFIDENCIAL~~

Am

DE GVR NR 24 PLS 105 DT 03/12 HS 1850JR

RECEBIDO DE PVB330 AS 040724 POR PNF/JR

- MINTER -
FUNAI BRASÍLIA - DF
SE TEL

11 DEZ 1980

CONTROLE PEI 21 Nº 020816

ENCERRO

DIR DGO/ SA/BSB

TEXTO E ASSINATURA

NR 1131/11, DR DE 031280 - ADITAMENTO RDG NR. 1124/11A, DR DE 021280 VG INFO
MO CIENTIFIQUEI INDIOS IMPOSSIBILIDADE QUALQUER DISCUSSAO ASSUNTO AREA TER
RA VG BEM COMO ALERTEI QUE MESMOS NAO SERAO RECEBIDOS BSB PARA TRATAR QUAL
QUER ASSUNTO PI PATAXOH PT SEGUNDO INFORMACOES CH PI VG INFORMA INDIOS DE-
VERAO DESLOCAR-SE AMANHAN DESTINO SALVADOR VG A CONVITE ANTROPOLOGA MARIA
ROSARIO VG A FIM DE MOBILIZAREM CONTRA ACORDO PT SUGIRO ENVIQ TELEX REFERI
DA ANTROPOLOGA RESPONSABILIZANDO-A PELO DESLOCAMENTO INDIOS VG ALERTANDO
QUALQUER OCORRENCIA SERAH A MESMA RESPONSABILIZADA FATOS VENHAM OCORRER VG
CONSIDERANDO INCLUSIVE INDIO PAULO SERAH PORTADOR MOLESTIA CARDIACA GRAVE
PT - CARLOS GROSSI DEL. 11A. DR

Remetido via ASI BU 0409.00h.



Pasta Maria do
Rádios

113 Rádios

PSS. 473, p. 33/68

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

DE GVR NR 25 PLS 120 DT 03/12 HS 1850JR

RECEBIDO DE PVB330 ÀS 040735 POR PNF/JR

ENDEREÇO

DIR DGO/CH SA/BSB

MIN.
FUNAI BRASÍLIA - DF

SE TEL

04 DEZ 1968

PPI 21 - BSB

CONTROLE Nº 21818

PROTO E ASSINATURA

NR. 1132/11.DR DE 031280 - RETRANSMITO SEGUINTE RDG RECEBIDO PATAXOH BIPT PARA EXMO SR. PRES FUNAI PT NR. 211/PI PATAXOH DE 031280 PT O QUE JAH FOI FEITO REFERENTE DEMARCAÇÃO NOSSAS TERRAS ESTAMOS SATISFEITOS ET NAO ACEITAMOS QUALQUER INTERFERENCIA DE QUALQUER PESSOA QUE QUEIRA MUDAR PT TRANSMITIMOS VG EM NOME DESTA COMUNIDADE PATAXOH VG NOSSA SATISFAÇÃO ET QUE NAO ACEITAMOS INTERFERENCIA DE PESSOAS DE FORA EM ASSUNTOS DA FUNAI ET DA NOSSA COMUNIDADE PT PEDIMOS PARA AS PESSOAS DA UFBA NAO ATRAPALHAR O QUE FOI FEITO POR NOS ET NAO INTERFERIREM EM ASSUNTOS NA NOSSA TRIBO PT TRANSMITIMOS NOSSOS ABRACOS PARA TODOS PT TURURIM CACIQUE PATAXOH VG ALFEDIO BRAZ SALVADOR SUB CACIQUE PATAXOH PT MOACIR CH PI PATAXOH PT/PT DEL 11A.DR

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNAI
CARLOS GROSSI
Protocolo sigiloso
Em Ch 12180
Nº 1741
AS

Carvalho vice AS 1 ARX 11/04/0910 h.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

OF Nº 144 /80- MCM

P.I. Pataxó

DO: Chefe do P.I. Pataxó

22/12/80

AO: Ilmo. Sr. Delegado da 11ª DR/ GOVAL

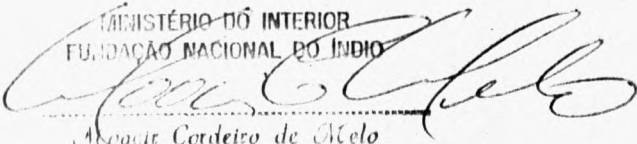
ASSUNTO: Encaminhamento (FAZ)

Sr. Delegado;

Em atenção ao radiograma sob nº 1138/ 11ª DR de 05/12/80, estamos encaminhando à V.Sa., em anexo, "Relatório" sobre a atuação da Antropóloga Maria do Rosário quando da sua visita na Sede deste P.I. em data de 01/12pp./

Atenciosamente;

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO


Aécio Cordeiro de Melo
Chefe PI Pataxó
Port. 158/P de 16-02-80

Ao Ilmo. Sr.

CARLOS ROBERTO GROSSI

DD Delegado da 11ª DR / FUNAI

MCM/mcm

RELATÓRIO SOBRE A ATUAÇÃO DA ANTROPÓLOGA
MARIA DO ROSÁRIO (UNIVERSIDADE DA BAHIA)
NA ÁREA INDÍGENA PATAXÓ/ 11ª DR/FUNAI.

Em atenção ao radiograma sob nº 1138/11ª Delegacia Regional, de 05/12/80, venho, através do presente relatório, expor a atuação da Antropóloga MARIA DO ROSÁRIO na área sob jurisdição deste Posto Indígena Pataxó, conforme o que abaixo se segue:

Em data de 01/12 encontrava-me em reunião no escritório da sede deste P.I., juntamente com o cacique Tururin e outros índios, quando recebi, através do servidor José Correia Filho (Atendente de Enfermagem), a informação de que o pessoal da Universidade Federal da Bahia acabara de chegar (aproximadamente 15:00hrs.). Diante da minha surpresa com a notícia, pois ninguém era esperado naquele dia, deparei-me com um pequeno grupo de pessoas que se dirigiam para o Alojamento. Logo em seguida apresentou-se o Frei Constantino, um dos componentes do grupo que, atenciosamente, explicou que haviam chegado de Salvador, permaneceriam nesta área até o dia seguinte pela manhã e, ao mesmo tempo, tentava se desculpar pelo fato do restante do pessoal não ter se apresentado junto à esta chefia.

Em seguida, o Cacique Tururin foi ao encontro dos mesmos, retornando dizendo ter solicitado, à aludida antropóloga, para que os mesmos viessem até esta Sede (escritório).

Naquele dia o movimento nesta área era intenso devido à festa de inauguração da Igreja quando, então, seria celebrada a primeira cerimônia religiosa na mesma.

Estive, então, muito ocupado devido ao acúmulo de serviço e, aproximadamente às 19:00 hrs., fui procurado novamente pelo Frei Constantino, quando manifestei minha intolerância ao fato de que, com exceção do mesmo, citada antropóloga e seu grupo ainda sequer haviam se apresentado quando obtive a seguinte resposta: "Tal atitude deve-se ao fato dos mesmos estarem muito ocupados conversando com os índios".

Em seguida, recebi a notícia, através da Auxiliar de Ensino, Professora Ilza, de que a antropóloga Maria do Rosário encontrava-se, desde sua chegada, na "Aldeia de Baixo", efetuando as mais diversas perguntas aos índios, tais como: "Porque a professora

Vanessa se demitiu se vocês estavam sempre juntos?; Como é que foi a questão da demissão do servidor braçal (índio) Adalberto Nascimento?

Aproximadamente às 20:30 hrs. percebendo a total indisposição do grupo, no sentido de procurar qualquer funcionário / desta Fundação, que fosse, dirigi-me ao alojamento, apresentando-me e manifestando minha insatisfação pelo fato dos mesmos, até aquela hora, não terem nos procurado. Ali já estavam diversos grupos de índios que, enérgicamente relatavam à mesma, seus problemas, insatisfações em relação à FUNAI, principalmente no que tange à DEMARCAÇÃO, que ora está sendo executada nesta área, tendo, referida antropóloga, proferido a seguinte frase: "As coisas, do jeito que estão (referindo-se à demarcação), não podem ficar, precisamos agitar", ao que retruquei: "Maria do ^{ROSÁRIO} Carmo, creio que seria prudente você não tocar neste assunto, uma vez que o que já foi feito não será alterado mais e você deve observar que este assunto, que evidentemente concerne somente à FUNAI e liderança indígena Pataxó, poderá criar descontentamento e desarmonia dentro da área."

- "Sim, mas não podemos, também, admitir que o santuário do IBDF seja mantido"

Evidentemente o ambiente, dentro do alojamento era dos mais tensos, principalmente, através de todo trabalho de " indução " que estava sendo feito pelo aludido grupo da Universidade, ^{dos} peles remanescentes indígenas ali presentes, que já estavam com seus ânimos bastante exaltados.

Pude observar que citado grupo era composto dos seguintes elementos:

- Maria do Rosário (Antropóloga)
- Frei Constantino (pessoa bastante amável e discreta)
- "Guga" (estudante de Antropologia) e
- Rosa (estudante de Medicina).

Com exceção do Sr. Frei, todos os demais demonstravam alta antipatia à FUNAI bem como assumiam posição de total domínio sobre a questão que creio, SMJ de V.Sa., ser de domínio absoluto desta Fundação e liderança indígena.

Como os mesmos declaravam que, apesar do avançado da hora, ainda tinham diversos " contatos " a fazer, retirei-me so-

licitando que tivessem a máxima PRUDÊNCIA com o trabalho que estavam realizando, tendo em vista as graves consequências que poderiam advir, bem como solicitei, também, para que numa próxima oportunidade procurassem comunicar, à Delegacia Regional, quando da chegada dos mesmos, ao que aludida antropóloga retrucou: "E por que devo comunicar?".

Logo pela manhã, tendo, ainda, efetuado outras visitas às moradias dos índios, retiraram-se, comunicando, ao mesmo servidor José Correia Filho, que os índios PAULO DELFINO BRAUNA - portador de grave deficiência cardíaca", BENEDITO BRAZ e JOSÉ FARIA / DO NASCIMENTO, deveriam-se deslocar-se à Salvador, tendo oferecido, para cada um dos mesmos, a importância de Cr\$ 500,00 para despesas de transporte e alimentação...

Logo pela manhã, ainda, fui procurado pela liderança, Cacique Tururin e Sub Cacique Alfredo Braz Salvador, que manifestavam sua enorme reprovação e repulsa ao fato dos mesmos terem criado grande desarmonia dentro da aldeia, descontentamento e, ainda, se quer haviam sido procurados para qualquer diálogo, informação ou, até mesmo, recebido qualquer consulta ou proposta de reunião. Demonstravam, também, seu grande descontentamento pela reunião havida na noite anterior/ no alojamento, onde grande tumulto havia acontecido e insultos haviam sido proferidos. Tal descontentamento gerou, inclusive, a solicitação à esta chefia no sentido de que fosse transmitido, à 11ª Delegacia Regional e Administração Central em Brasília, radiograma de protesto (vide rádio sob nº 211/ PI Pataxó de 03/12/80.)

Neste mesmo dia, solicitei o comparecimento imediato, no escritório desta sede, dos citados índios que pretendiam / deslocar-se à Salvador que, durante exaustiva e longa reunião, na presença da liderança indígena, manifestaram desejo de "levarem para fora" / todos os problemas concernentes à área indígena, "atuação" da FUNAI e, principalmente, a questão da demarcação. Informaram que os mesmos tinham, também, como objetivo, informar, à referida antropóloga, conforme solicitação da mesma, todas as questões que pudessem apurar dos seguintes assuntos: Mapas demarcatórios, "suposta" erro de nomenclatura existente nos mapas onde se lê "córrego da Caciana", verbas e suas aplicações, demissões, etc. Vide radiograma sob nº 212/ PI Pataxó de 03/12/80. Alerttei-os de que tal procedimento não contava com o apoio da FUNAI (Vide radiograma sob nº 1125/ 11ª DR de 02/12/80) e que, também, seria de total responsabilidade

da Antropóloga Maria do Rosário, qualquer imprevisto concernente à saúde do índio deficiente, Paulo Delfino Brauna.

Daí em diante, passamos alguns dias na expectativa do retorno dos mesmos.

Como era de se esperar, chegando em Salvador, os mesmos tiveram seus intentos frustrados uma vez que / referida Antropóloga já havia sido advertida pela Administração / Central desta Fundação, sendo que logo após retornaram à esta área, com excessão, apenas, do índio Paulo Delfino Brauna que, naturalmente, bastante debilitado pela fadiga cardíaca encontra-se, até o presente momento, na Cidade de Monte Pascoal.

Tratei, logo de pronto, de efetuar, junto aos índios que para Salvador se deslocaram, algumas perguntas sendo que consegui apurar que, evidentemente bastante orientados, / possuem, como objetivo principal o seguinte:

- Substituição do Cacique Tururin, conforme votação efetuada em data de 20/12;

- Substituição do Sub Cacique Alfredo Braz Salvador;

- Substituição deste atual Chefe de Posto, por índio Pataxó. Obs: é bastante nítido que algo muito parecido com "Messianismo" estaria se apoderando de um pequeno grupo de / jovens que crêem na substituição dos funcionários da FUNAI, por elementos indígenas, e a tomada de todas as benfeitorias existentes na - Administração deste P.I. pois alegam, veementemente, serem proprietários. Sendo assim, somos classificados, então, de invasores brancos.

- Expulsão, da área, do servidor José / Correia Filho pelo fato de ser considerado traidor e delator pois, segundo os mesmos, este não deveria ter levado ao conhecimento do Chefe do Posto quanto ao intento de se deslocarem para Salvador;

- Reevindicação, junto ao IBDF e FUNAI, da área que no momento "ainda" está sob a jurisdição do IBDF para que, então os Pataxó, tenham suas terras, roubadas desde 1.500, segundo eles, devolvidas pelo governo;

- Investigação rigorosa quanto ao que concerne à doação de Cr\$ 300.000,00 efetuada por esta Fundação, à comunidade indígena, pois, segundo os mesmos, o Exmo. Sr. Presidente jamais po-

deria ter aprovado essa aplicação sem consultá-los individualmente...

- Levantamento histórico das terras }
que, segundo eles, teriam sido doadas pela Princesa Izabel...

Bem, Sr. Delegado, creio que não há mais necessidade de aqui, neste relatório, eu estar descrevendo propostas / utópicas e absurdas mas, tem este, como principal objetivo, levar ao conhecimento de V.Sa., meu REPÚDIO ao pessoal da Universidade que aqui esteve presente pois, gostaria de transmitir à V.Sa., também, que temos passado, no momento, por GRANDES dificuldades Administrativas junto à Comunidade que, no momento bastante perturbada pelo maléfico trabalho da Sra. Antropóloga Maria do Rosário, não consegue, de maneira mais clara e objetiva, compreender que os itens acima descritos não passam, SMJ de V.Sa., de verdadeiras fantasias, utopismo e de que a citada antropóloga está, tomando ^{para si,} como veículo de propaganda junto à Universidade, alguns índios / que possuem, dentro de suas cabeças, histórias das mais absurdas das / quais poderia, agora, Sr. Delegado, ~~FALAR~~ narrando-as por páginas e mais páginas.

Não posso admitir que pessoas de nível / intelectual, como o da mencionada Antropóloga, não possam, com toda técnica e didática "Antropológica" que possuem, avaliar, ponderar, considerar, refletir o que tudo isso significa e acarreta...

Sr. Delegado, tenho, também, escutado de que a mesma teria dito aos índios, quando da visita dos mesmos à Salvador: "Nessa história não tem Presidente que me proíbe de entrar lá (área Pataxó) pois, se necessário, efetuaremos todos nossos esforços com as autoridades em Brasília a fim de, também, solucionarmos a " questão " das terras. Mas, porém, é necessário que de imediato o atual Cacique seja substituído."

Sr. Delegado, é bastante notório de que a liderança local tem grande consideração pelos trabalhos realizados pela / FUNAI bem como de que os mesmos sustentam grande satisfação pelos esforços que esta Fundação está, no momento, desenvolvendo para assegurar a / demarcação das suas terras. Permita-me, Sr. Delegado, dirigir à V.Sa. apenas uma pergunta: Levando-se em conta a grande antipatia que aludido " grupo " da Universidade possui para as atividades da FUNAI, que claramente pude observar; levando-se em conta, também, que a liderança e a grande maioria da comunidade demonstram satisfação pela demarcação da área de 8.720 has que estarão incorporados ao patrimônio dos mesmos, não fica,

Sr. Delegado, caracterizada a MÁ FÉ, imprudência e falta de "tática" antropológica" que a Sra. Maria do Rosário exerceu durante sua "rápida" estada nesta área indígena Pataxó ?.

Permita-me, ainda, Sr. Delegado, transmitir à Vsa. o seguinte pensamento pronunciado pelo Cacique Tururin:

"A Antropóloga Maria do Rosário, quando chegou, botou todos os índios prá brigar".

Na certeza de que V.Sa. não medirá esforços no sentido de evitar que pessoas de responsabilidade duvidosa, perante os interesses desta Fundação, atuem junto às comunidades indígenas, transmito, na oportunidade, meus melhores protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente;

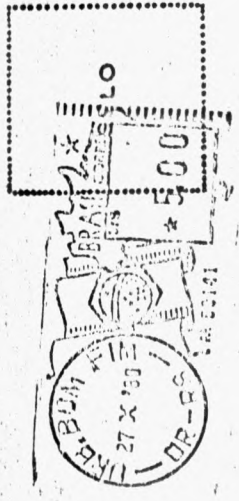
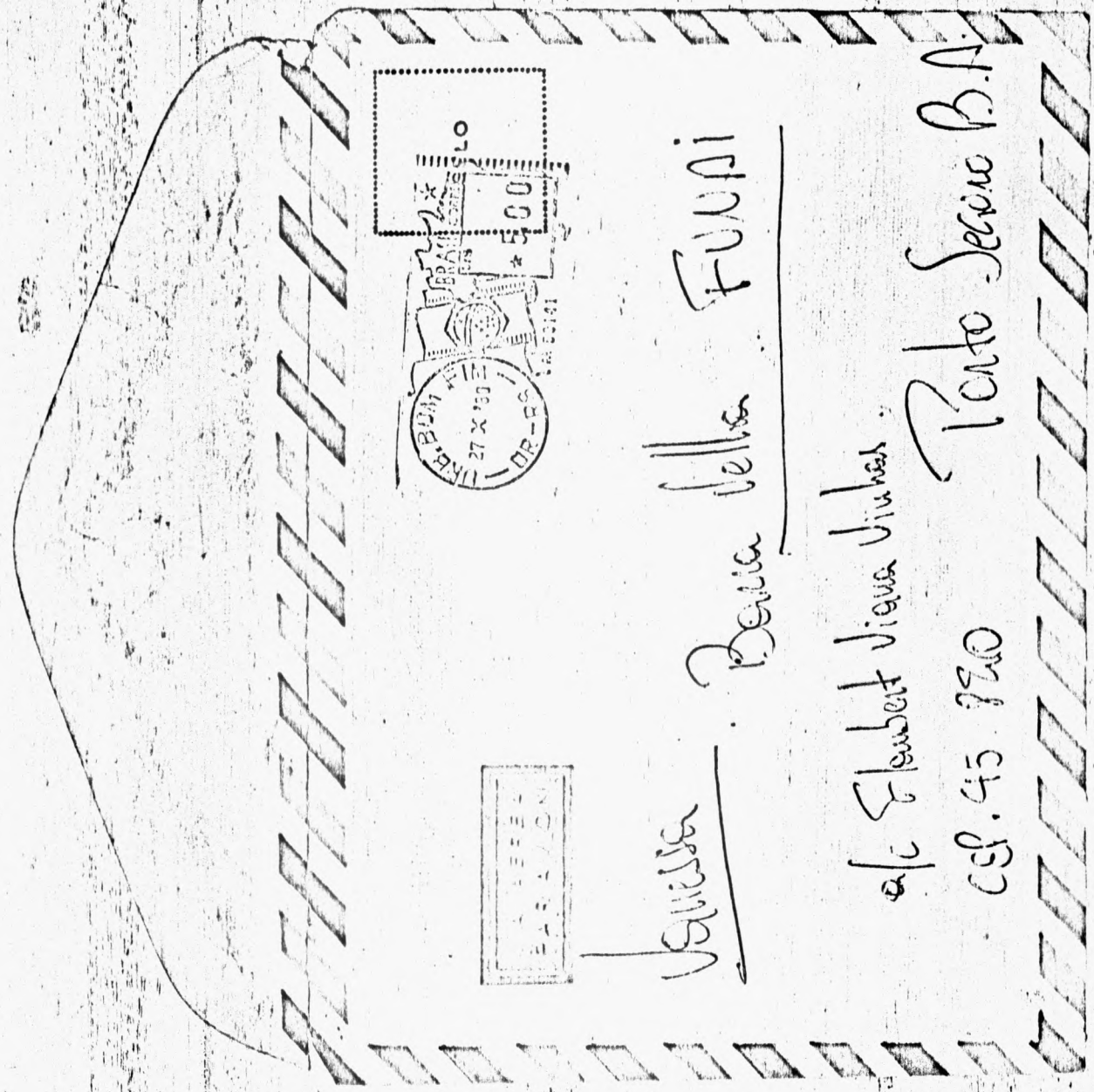
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
Moacir Cordato de Melo
Chefe PI Pataxó
Port. 158/P de 15-02-80

Posto Indígena Pataxó, 23 de Dezembro de 1.980.

DECLARAMOS QUE TOMAMOS CIÊNCIA
INTEGRAL DO TEXTO DESTES RELATÓ-
RIO E QUE CONCORDAMOS PLENAMEN-
TE COM TODA EXPOSIÇÃO DO MESMO.

x *Rufino Vicente Ferreira*
RUFINO VICENTE FERREIRA-
Cacique Tururin

x *Alfredo Braz Salvador*
ALFREDO BRAZ SALVADOR-
Sub Cacique Pataxó

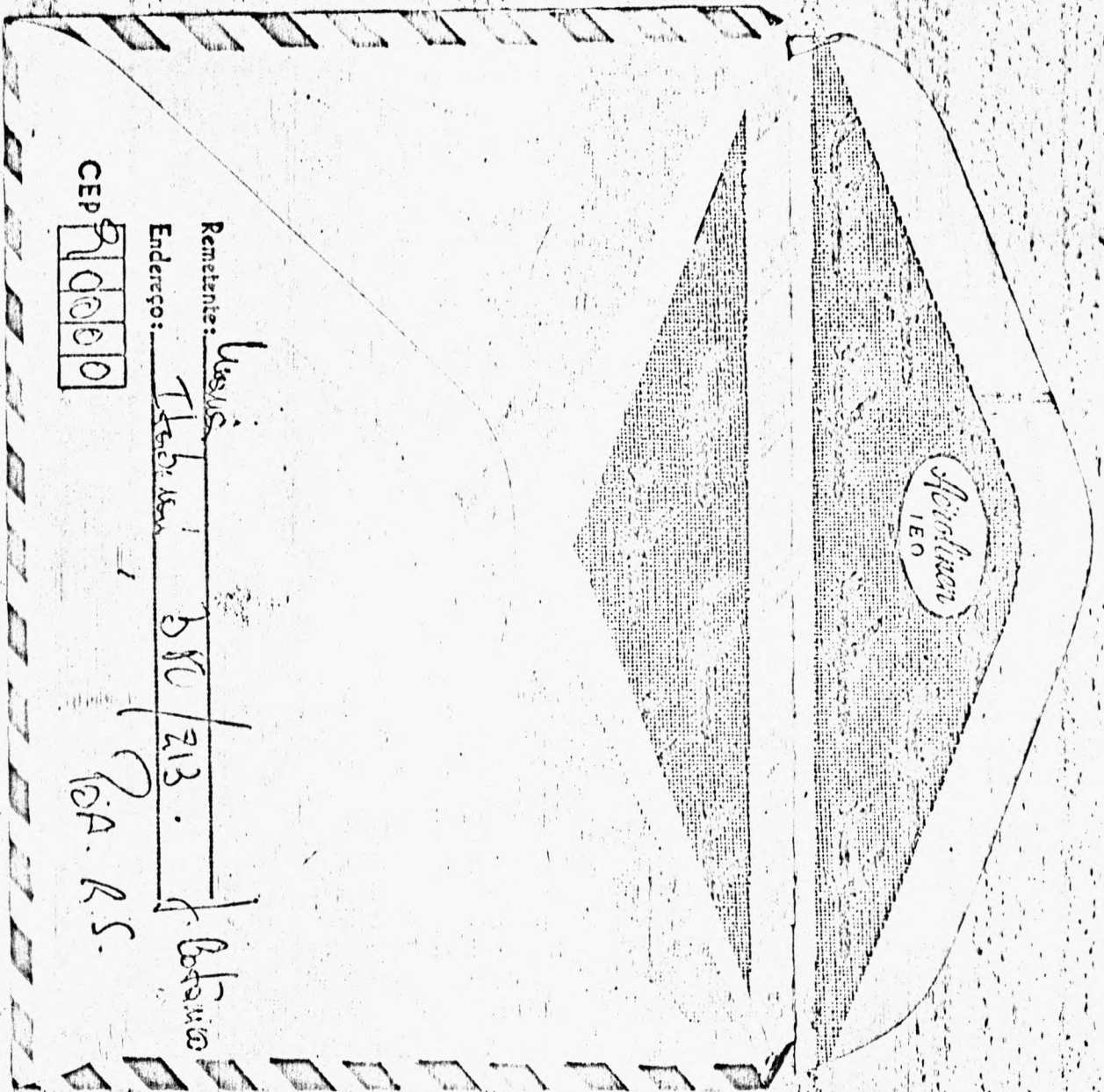


Utuhnya . Perua della FUUPI

etc Fleubert viera viuhes

CSF. 45 720

Ponto Securo B.A



Remetente: Jesus
 Endereço: Três Irmãs, 580/213. J. Botânico
 CEP

9	0	0	0	0
---	---	---	---	---

10A. R.S.

27/10

Vou : que é por lá? receber um -
 uma carta? como é por estar em vias de?
 to sou preocupado com o sistema hoje
 mesmo feiti com uma figura do Conselho
 de Trabalho e se não puder mandar um artigo
 nos jornais não por publicar - o por da
 NADA te escreva?

Assim vê se manda notícias lá?
 não mesmo, to preocupado -

Porque está se preparar para esse caso de
 Fimado (a reunião com quem to mandando)
 Soluções telefônicas várias formas:

34-1140 → porque está e to lidar

por aqui aqui, buscando de lá por lá,
trabalhando bastante por fim de ano - janeiro
"fina feira" => e pontos ainda não
contado?

Dono te escrevo por te mostrar um
monte de trabalho esperada e
um monte de preocupações pela falta de
notícias suas
Cariacó Maria

Quem mais já está buscando a quem
canta por aí? a SODAI chegando o caso?

por favor, me avise mais por se já eu conto.
Cariacó, nesta loucura e não há muitas saídas se
pode estar acontecendo - sempre com você



Teresa Poester
Av. Bastian 421
Memino Deus
Porto Alegre
RS

9 0 0 0 0

RPC

PSS. 473, P. 115/68

PSS. 473, P. 46/68

Remetente..... *Mara Varessa*

Endereço..... *Barra Velha - Funai*

CEP

4	5	8	2	0
---	---	---	---	---

ate Plaubert Viçosa Vinhas
Porto Seguro
Pa

- 10/11/80 -

... relendo sua carta, talvez quisesse te falar mais sobre esse quilo seu de escrever. pra' mim por esses ou aqueles sentimentos de culpa, e afinal eu imagino que as relações entre Maria e você nunca sejam muito fáceis e... Mas nem sei o que estou falando, xará, acho que não é nada disso. Uma hora dessas nós vamos conversar lentamente esses assuntos todos...

Tô passando cada barra, minha irmã; aqui sei não segurando e pedi demissão da Funai (a-gora tô cumprindo aviso prévio). O pessoal daqui vem me comovendo em suas demonstrações de carinho e apego — não querem que eu vá. É como eu tô saindo porque quero, mas porque não suportei mais, não há outro jeito, eu e o chefe (ela = encarnação da Funai) não detestamos cada vez mais e aí... Eu não suportei mais ver tanto descaramento nesta demarcação, mais ou planejado e sutil. É o pior de tudo, xará, é que sou sozinho, puramente eu só, aqui. Acabou que minha força tá acabando e aí...

Não sei, não sei: tão difícil esta decisão de ir... Mas definitivamente falando (paga) é o melhor que tenho a fazer, pois no atual quadro deste Posto Indígena tudo que eu posso conseguir é uma sílaba. Mas ao pensar em ir embora daqui (ou melhor, em voltar pra' BH) me vem um frio na barriga. Eu não sei o que fazer...

Se; penso tantas vezes em casar com ele e deo/penso outras tantas. Não sei o que será. (Talvez se eu prosseguisse mais algum tempo aqui, a seqüência seria esta: casar com ele, ter um filho — ando com vontade de ter um, aqui).

das às vezes ainda fico me debatendo querendo um outro tipo de amor; mais violento e apaixonado, talvez (ah, que besteiras que eu ando falando!)

Teresa, irmãzinha querida, como eu gostaria de te dizer prá vir cá, rir um pouco comigo e com esse alegre povo pataxó, deixar a vida te acariciar um pouco. Como eu gostaria... (audo tão triste, tão irritada, tão de mal com tudo, tão sem saber mais dar risada). - Aliás, a aldeia anda triste. (Triste gado pataxó que caminha com as próprias pernas para o seu matadouro).

● Xará, muito obrigada mesmo pelo esforço aí, pela ida à Anai, etc. O Júlio me escreveu mas ainda não respondi; audo mto envolvida nas traumas desses últimos dias (cheguei de volta à aldeia dia 22/10, tinha saído 1 dia 1º/10).

ando pela aldeia e vejo claramente que é esse o caminho; é delicioso com-iver aqui. Mas é só subir a ladeira da Sede e tudo desmorona com força. Não há possibilidade de ilusões ainda com tinaui.

● De qualquer maneira, existe sempre uma cabaninha à beira da praia de Caraiva, para nosso refúgio.

As coisas estão tão negras, minha irmã, que venho pensando inclusive em voltar a estudar e acumular alguns títulos somente para conseguir um pouco mais de espaço. Veja bem a que ponto têm chegado minhas reflexões.

Acho que queria te escrever seu mais, outras coisas inclusive. Mas agora nem tô conseguindo. Ah - lembrete: se você vir ou escrever para a Graça do Rio dê um forte abraço por mim -

Com tudo, eu te digo firmemente que te amo muito, xará.

Vanessa

"... e ri de tantos medos e de meu verdadeiro cagaço de viver." MEU VERDADEIRO CAGAÇO DE VIVER.

Ah, Teresa, irmãzinha; tempos e tempos que não te escrevo nada, nem sei agora como te mandar uma carta; tudo que tenho vivido, tanta coisa esquisita e forte. E agora, nessa clara manhã pataró, penso com carinho na aldeia e em tanta alegria que aprendi aqui — penso que em muito pouco tempo vou embora, vou embora daqui. Cada vez fica mais impossível trabalhar na Funai; principalmente agora, a demarcação — esse Roubo descarado — rolando a mil por hora, eu assistindo a tudo, de mãos amarradas e ainda passando batida por "gente da Funai", argh!; e, por cima de tudo, a absoluta incompatibilidade entre o novo chefe de posto e todo mundo, muito especialmente eu. Não gosto mesmo do cara, um sacana, carreirista, adorador da hierarquia e defensor acirrado do lema "Ordem e Progresso". É um paulista, ± 30 anos, administrador de empresas e, pra mim, a figura mais antipática que poderia ter pintado por aqui. Nós nos detestamos mutuamente (ele e eu), mas ele é o chefe e quem vai dançar nessa sou eu. Acho que só fico até dezembro, o máximo que posso suportar. Se as condições de trabalho, antes, já eram ruins, agora são péssimas. Você ficaria besta de ver o volume burocrático que vem nos engolindo aqui nesse mato. É o reflexo de Brasília...

→ detesto escrever com essas canetas aguadas, mas não tenho outra...

8/11/80. Agora, sábado, 7 e meia dum manhã que pra mim começou às 4 e meia, com longa caminhada até a praia, perseguindo o sol e procurando carvão e mangabos, enquanto a aldeia, con-de-ro-a, aguardava. Eu gosto daqui, Teresa; e este povo já me conhece. Mas sei que não vai dar pé ficar por muito tempo.

po, já peguei no limite máximo, trabalhar na Funai e' dese mesmo. Parece incrível, mas Funai e índio são 2 coisas incompatíveis; e "não se pode servir a 2 senhores".

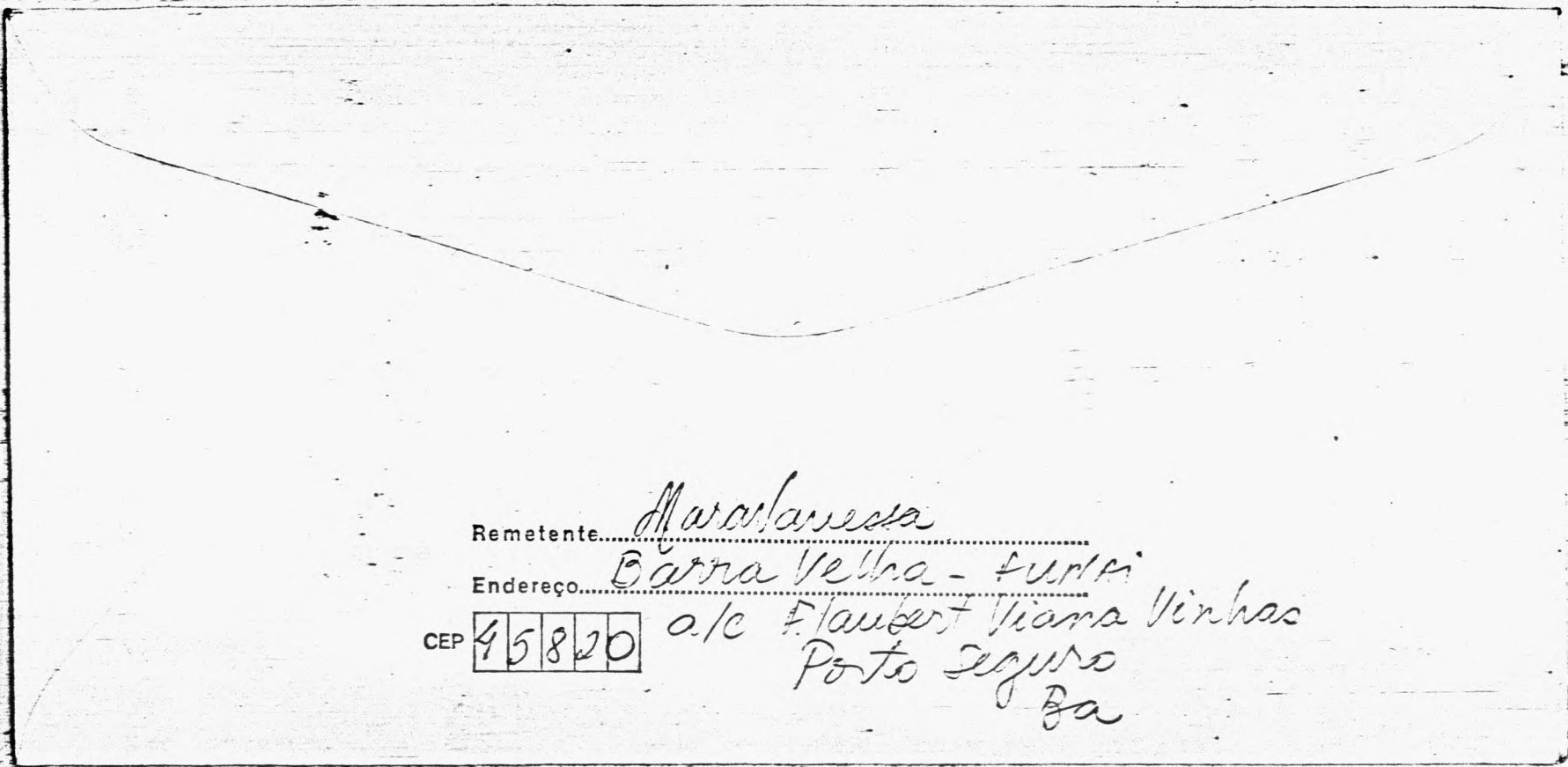
Minha vida, tem estado tão voltada praqui pra dentro da aldeia, que vai ser desorientador demais sair e me ver em Belo Horizonte de novo, tudo outra vez. Mas ainda não é tempo de pensar nisso.

Teuho pensado em te escrever, às vezes, mas um do tão esquisita, tão "devagar", fico assim sem saber... esse meu coração absolutamente incompreensível segue me pregando peças e sempre com esta fome de se derramar pelo mundo; e é bem doce esse tipo de amor ao qual teuho estado entregue, essa paixão delicada e vasta por um certo tipo de gente, uma certa forma de vida, um povo. É bem gratificante a sensação de acolhimento que nutro; igualmente ~~essa~~ desoladora é a solidão, quando bate, o abandono, desamparo. Mas construir uma relação é sempre delicioso... Teuho sentido uma coisa tod semelhante ao que você falava em sua carta, em relação à sua aluna particular e aos seus alunos da classe de adolescentes; como é mais fácil e mais gratificante (mto mais profunda) a relação com o indivíduo, só as 2 pessoas, ali se conhecendo no trabalho do aprendizado. E como é (potencialmente) difícil o trabalho com um grupo maior! Muitas vezes, mesmo, frustrante. É o que teuho sentido; e o que me tem levado a questionar muito seriamente mesmo esse modelo de educação, em que inclusive o grupo surge como muelador de indivíduos e não como fonte inesgotável de criatividade; o grupo como massa, atitudes padronizadas e etc e tal — é todo o consequente desajuste, toda a revolta das individualidades tornando a relação neutra e vazia, rasa demais.

Não sei, xará, não sei — seria bom convivermos um pouco, conversarmos, sei lá; tá tudo tão assim... Quando tão esquisita, e tudo acontecendo a mil por hora, cada vez ficando mais claro esse "MEU VERDADEIRO CAGADO DE VIVER".

(Minha irmãinha, melhor é nem escrever carta nenhuma)

PSS. 473, P. 51/68



Remetente... Maranhense

Endereço... Barra Velha - FURRI

CEP 45820

o/c Flaubert Viana Vinhas
Porto Seguro
Ba



JOSE' PORFIRIO DOS SANTOS NETO

Rua Amianto 446

Santa Tereza

Belo Horizonte

MG

30000

RPC

PSS. 473, p. 52/68

Barra Velha - 18/11/50.

(1)

Hoje era meu dia de ir embora. Até ontem à tarde, eu acreditava firmemente que ia embora hoje. Não cheguei a falar com todo mundo, mas as pessoas que souberam me comoveram demais, com sua reação de sentimento — senti o quanto será difícil, pra mim, afastar-me dessa gente, sair desse lugar. (Quando eu estou no meio desse pessoal, lidando somente com os índios, nunca tenho vontade de ir; é só o contato com "a sede", e pronto. A casa, os "colegas", o chefe: detestável, tudo.)

Talvez pela proximidade do fato irreversível — já pedi demissão — tenho pensado com bastante profundidade sobre o que vem significando esta estadia aqui, para minha vida. Não é que tenho "parado pra' pensar"; é só que o pensamento vem com força total, no meio dessa agitação toda. Mas não quero entrar por este canal agora; é um túnel sem fim.

Agora estou mais tranquila; ah, mas como andei ansiosa e deprimida e puta da vida! Cheguei a somatizar a angústia: pintou um caroço na minha boca que, segundo parece, é um herpes provocado por "condições psicológicas" (as famosas). Não sabia se pedia demissão ou se esperava a Funai me demitir; se saía "numa boa" (pelo menos aparentemente) ou se aprontava alguma. Fiz 2 cartas de demissão; uma simples, alegando "motivos particulares" e pedindo dispensa de aviso prévio e outra verdadeira, abençoando o verbo. E fiquei na dúvida. Depois pensei: o que me adianta brigar com a Funai, ficar me expondo assim pra' quem não vai mesmo mudar? Se ainda adiantasse alguma coisa.

E acabei pedindo a demissão. Meu saco estourou, não suporto mais ficar i-

ta de faca, dar murro em vento. Quero fazer alguma coisa firmemente CONTRA essa sacanagem toda que estou assistindo de camarote mas não tenho condições nenhuma. E minha força acabou; meu ânimo sumiu, a depressão montou firme. A inesgotável insegurança reinou, soberana de mim. (Se pelo menos eu estivesse morando lá no meio dos índios, se pelo menos não tivesse que conviver com essas péssimas "colegas", se pelo menos eu e o chefe não nos detestássemos tanto, ah!...)

Tenho passado por negros negríssimos momentos. Mas agora estou mais calma, embora tudo continue. Ando chateada comigo mesma.

O caso da demarcação, se já era ruim, piorou 200%. A sacanagem apareceu firme e forte e acabei de crer — só um cego não acredita que tudo isso não é jogado, assim à toa, mas faz parte de um bem planejadíssimo plano (o reforço da mesma palavra!) de extermínio dos índios. É evidente demais. A área diminuiu, diminuiu e agora somente sobreu treje e areia. Os índios — alguns — tomaram iniciativa de fazer reuniões, os mais velhos falaram, todos estão revoltados e sabem que assim não morier, com certeza. Mas o resultado da reunião foi nulo e, na saída, um deles teve um ataque cardíaco e quase morreu. Agora ele melhorou e diz que vai até Brasília pelo menos para protestar. Eu dei o endereço seu e de Cecília e um bilhete, para que ele procure vocês aí. O caso é armar o maior escândalo possível, pela boca dele. Pelo menos isso.

Bom, mas eu não queria nem entrar
 nesse assunto. Brevemente conversaremos sobre
 isso aí mesmo — em dezembro eu vou em-
 bora (a delegacia não me dispensou do aviso
 prévio e eu não quero — não posso — sair sem
 receber essa grana). Tenho sentido tanto e
 tão intensamente a sua falta; falei pra to-
 do mundo que vou casar agora neste
 fim de ano. Acho que preciso demais de
 sua força, sua coragem, seu ímpeto de viver —
 o velho fascínio...

Ao pensar — na prática — em sair
 daqui, mil coisas vieram na minha cabeça,
 terminar meu curso, trabalhar com jorna-
 lismo algum tempo (tirar esse trauma; auto-
 afirmação, acho), conseguir uma bolsa pra
 estudar Antropologia no México, seguir por
 aí, por esse caminho. Queria insistir na ideia
 de fazer o curso de indigenismo da Funai (mas
 não sendo mulher) e, mais uma vez, tentar. Mas
 o que eu não vou fazer é largar desse assun-
 to, e sair dessa verdade; isso não mesmo. Bom,
 mas na prática imediata, o que eu quero é
 descolar um emprego em jornal, ou rádio,
 ou mesmo tv, para terminar o curso e exercer
 a profissão. Não quero ficar sem ganhar grana
 nenhuma, também; porque já vou chegar e des-
 colar em um lugar longe de casa, com soli-
 teza. Sei que as coisas estão negras, tudo muito
 difícil, etc, mas se você pudesse ir vindo
 com essas pessoas ligadas ao Ramo a uma
 possibilidade... eu gostaria de tentar. Acredite
 que não seria uma jornalista muito sofisticada,
 mesmo sem nenhuma experiência e com tantos
 traumas e inseguranças. Fico de olho em você
 talvez com Inácio, sei lá; o que puder ser

Bom, mas eu não queria nem entrar nesse assunto. Brevemente conversaremos sobre isso aí mesmo — em dezembro eu vou embora (a delegacia não me dispensou do aviso prévio e eu não quero — não posso — sair sem receber essa grana). Tenho sentido tanto e tão intensamente a sua falta; falei pra todo mundo que vou casar agora neste fim de ano. Acho que preciso demais de sua força, sua coragem, seu ímpeto de viver — o velho fascínio...

Ao pensar — na prática — em sair daqui, mil coisas vieram na minha cabeça, terminar meu curso, trabalhar com jornalismo algum tempo (tirar esse trauma; auto-afirmação, acho), conseguir uma bolsa para estudar Antropologia no México, seguir pra cá, por esse caminho. Ou insistir na ideia de fazer o curso de indigenismo da Funai (mas não sendo mulher) e, mais uma vez, tentar. Mas o que eu não vou fazer é largar deste assunto, é sair dessa vereda; isso não mesmo. Bom, mas na prática imediata, o que eu quero é descolar um emprego em jornal, ou rádio, ou mesmo tv, para terminar o curso e exercer a profissão. Não quero ficar sem ganhar grana nenhuma, também; porque já vou chegar e descolar em um lugar longe de casa, com certeza. Sei que as coisas estão negras, tudo muito difícil, etc, mas se você pudesse ir vindo com essas pessoas ligadas ao Ramo a uma possibilidade... eu gostaria de tutor. Acredito que não seria uma jornalista muito sofrida, mesmo sem nenhuma experiência e com tantos traumas e inseguranças. Falei pra todo mundo talvez com Inácio, sei lá; o que puder ser

fico assustada qdo penso na luta pela sobrevivência aí; tão diferente desse jeito maneiro que estou vivendo por cá). Bom, há também a casinha de Caraiíba. Com a grana que recebi do IBGE (3 mil e pouco) vou mandar rebocar e tintar de cal e cimentar o chão; ficam faltando portas e janelas. Com 2 mil cruzeiros mais, dá de sobra pra esse serviço. Talvez mais barato ainda, se a gente mesmo instalar (estou pensando em Che, que queria vir nas férias dele aqui). Bom se ele vier, ou vocês 2 vierem, beleza pura; tragam máquina fotográfica e bastante filme (pelo menos preto-e-branco). Bom, mas o negócio da casinha eu vou apertar bem porque, se não conseguir nada aí (trabalho), vou passar o mês de janeiro por cá, escrevendo e planejando e... sei lá, depois a gente vê isso, né? Estou também olhando seriamente a possibilidade de trocar o lugar de Caraiíba por outro em Corumbal (por ali). Tá difícil, mas vou batalhar. Eu gostaria de ter essa casinha lá em Corumbal... Bom, se vier alguém por agora, é bom também para adubar os Coqueiros e amarrar aquela cerca com cipó. (Estou escrevendo com pressa agora porque o barco já vai). É o show de Nova Lima? Pensei tanto em vocês, no sábado...

Teuho um certo medo da idéia de ir embora daqui, ou da idéia de cair aí outra vez, eu não sei bem de que... nem acho que é medo; é só um desassossego.

Adoro essa vida simples e gostosa e saudável; e adoro certos refinamentos da loucura urbana, também.

Eu quei pensando nos meninos aí, e mais em Alair e Cláudio. Se eles quisessem vir, acho que até seria uma. Uma ótima mesmo. Agora, a terra aqui não dá pra viver dela não; é ruim demais... Mas poderiam sempre plantar alguma coisinha e pescar e agitar alguma (principalmente se eu conseguir trocar por um lugar no Corumbal; aí sim...). Vejo os discos que Alair me deu e fico toda comovida. Não tenho escutado nenhum, pra não estragá-los demais, a radiolinha é terrível (vou dá-la de presente a Miquê qto for subora). Aliás, já dei um bocadinho de coisas e vou dar outro tanto; não quero bagagem assim. (Detalhe: se Che vier mesmo, lembrar que na casinha não tem fogão; talvez descolar um fogareiro, ou sei lá...).

Os funcionários da Funai neste P.I. (nós), em sociedade, compramos um jêque (uma jêça).

Acho que já estou falando bobagem; falando demais, sem querer acabar a carta.

Se o índio Paulo Braúna pintar aí, dêm cobertura a ele.

Cecília — xará, você nem pra me escrever um bilhetezinho ao menos, né? Eu pensei assim (se eu fosse embora hoje): eu chego lá e liço pra ela e digo: "está falando com a minha nova desempregada dessa terra"... Não sei, não sei o que será, o que virá, não sei — mas estou batendo braços e pernas e de olho fechado ainda pra cima. Vamos ver se dou na praia...

→ vontade de resgatar a fazenda onde nasceu meu avô e ficarmos lá, criando mil cancos, em ebulição — "CURAREANA"

Mangabas e cajús a mil por hora...

A festa da Conceição é dia 8/12, em Barra Velha. Até lá ainda vou ficando por aqui, seguramente.

Peua quebrou um dente dos da frente e Migué - eu desconfio que ela está grávida.

Fiquei conhecendo uns paulistas que têm uma terrinha, há 5 anos, depois do Corumbal. Um tipo de comunidade agrícola que tenta nam, coisa assim.

Chega de papo furado. Vou cuidar dessa vida aqui. (Tenho escrito bastante sobre tudo, principalmente sobre a demarcação; quero ver se faço uma reportagem completa, com visões dos índios, da Funai, dos topógrafos, do vizinho, etc; mas ainda não estou mandando nada agora).

Abracos a todos, Tito, Bento, Dedei, Lúcia (e o neném?), Mauro (dessa vez quero ver ele reclamar!), Alvar, todo mundo.

Quando nada, dê notícias.
(seu moleque sufado).

Vontade de ficar só no seu colo, só.

Eu te amo muito.

Vanessa

Deu
no
meu
cabeleira
por
minha

PSS.473, P.60/68

Remetente... *Mara Vanessa*
Endereço... *Barra Velha - Fuvai*
CEP

4	5	8	2	0
---	---	---	---	---

a/c Flaubert Maria Vinhas
Porto Seguro
Ba

RPC

90000

Marica

Rua Itaberai, 380/213

Jardim Botânico

Porto Alegre

RS



55.473, p. 61/68

23 nov. 1980 - Barra Velha

As coisas mudaram, minha irmã,
e muito. Do dia que eu cheguei de volta
(22/10) até hoje, tudo só tem piorado por
aqui. A Barra perdeu mesmo pro meu lado
e acabei pedindo demissão, 4 dias atrás. Agora
dão cumprimento ao aviso prévio e mês que vem
volto a BH e... nem quero pensar. Mas
janeiro eu quero passar e' por aqui mesmo,
com certeza - na funai ou fora dela. De-
pois... não sei, não sei de nada.

Esta' sendo tudo tão difícil pra mim,
essa decisão de sair, assim, difícil demais.
Andei até meio desente de tanta angústia que
tenho vivido por aqui (imagine!), esse roubo
descarado dessa demarcação causando sem-
pre mais vítimas e eu me sentindo de mãos
e pés atados. E, como se isso não bastasse,
eu não moro mais na aldeia (a família
pediu da casinha e, embora me dizendo que
eu podia ficar, achei mais justo sair), mas fui
na HORRÍVEL casa das funcionárias, nessa sede
símbolo de poder e podridão. Detesto com força
cada dia mais minhas "colegas" e eu e o
chefe simplesmente nos odiamos. Agora imagine
o clima dessa vida. É quando acaba, nem ar-
ma eu tenho: durmo com a enfermeira, na
cama dela, que é um beliche incômodo e
estreito. Detesto isso tudo e sinto-me só e sem
força.

Mas o que tem me segurando é o en-
volvimento cada dia mais envolvente do povo da
aldeia, dos alunos, das comadres, das velhas
de curandeira. Isso, pode ver, é compensa-
ção até demais. Mas eu não suporto mais por

iniciar esse massacre assim, de camarote,
 não poder fazer nada (inclusive por me sen-
 tir fraca e desamparada demais). Ando escri-
 vendo sobre esse processo de demarcação e
 qualquer hora, quando já tiver os dados to-
 dos, te escrevo mais longamente sobre isso. (Oti-
 á Anai, não sei bem o que fazer, ainda; e tu
 sem não tenho lá essas ótimas impressões de
 Anai nenhuma, mas é sempre um canal. Recibi
 realmente carta do Júlio Baizer, mas ainda não
 respondi. Estou "PERPLEXA" e quase sem atitude, no
 momento).

E qto a planos de futuro, mesmo próximo
 não sei. Só sei que mantenho firme nosso op. No
 máximo até o Natal devo estar em BH; já irei
 quero passar por aqui e fevereiro, (ou do dia do
 de janeiro em diante), se você não vier antes até
 aí, a gente poderia se encontrar em qualquer
 outro lugar. Inclusive talvez seja essa a melhor
 alternativa, mesmo; de qualquer jeito, me escreva
 falando de seus planos para as férias e a
 gente combina mais.

Eu e Ze... Sem, continua tudo na me-
 ma. Altos e baixos, crises, depois a tranquiliz-
 dade, e assim vai... Eu não sei o que será
 agora, quando eu voltar daqui da aldeia
 para BH. Mas o mais provável é que continue
 esse nosso caso (envolado e firme e forte).

Quería escrever seu mais, minha irmã,
 mas agora não dá. Quero saber de você, me
 escreva!

(esses nossos caminhos tão diferentes...)

Xará! — eu te quero tanto sem

Vanessa

ap; a casinha da praia continua firme, mas
 ap, pode ser em qualquer outro lugar, vo-
 e' quem marca. (A priori, fica sendo a-
 qui mesmo, pois não tenho férias; mas não sei
 se vou ficar por aqui muito tempo mais...)

Adoro a aldeia, os amigos tão que-
 ridos, certas especiais pessoas, irmãos pataxós;
 mas a Funai continua se demonstrando a
 mesma besta, a lentidão e o despropósito de
 tudo parece que só aumentou e eu não sei
 se seguro essa barra; quero mais - agora - é
 um colo e um café e poder dormir
 feliz e relaxada. (e acordar de bem com
 a vida). → o pior de tudo, pode crer, são
 os tais funcionários que formam a equipe
 daqui, um negócio assim triste de se ver.

Maria, xará, penso sempre em você com
 tanta intimidade, tanta segurança de te saber
 comigo, sempre; nem sei dizer direito como,
 mas gosto de achar que é assim, que vai
 ser sempre assim, é tão bom gostar das pessoas
 e poder ir fundo no que elas têm de ma-
 ravilhoso (e sempre têm, e às vezes é tanto
 que assusta). Só que é meio esquisito esse
 negócio da gente não se ver mais, só se lem-
 brar tanto, às vezes escrever; pode ser meio
 ruim isso de lembranças e sandalhas acu-
 muladas; mas... (Ah, que besteira ficar falando
 do disso).

Na sua carta você pergunta do tempo que o pessoal esteve aqui, inclusive Biliu e Luis. Ah, esse tempo passou e mudou logo; ficaram Cecília e Badi. Cozinhas e aí foi tudo maravilhoso. Cecília é aquela figura incrível e apaixonante de sempre (e cada vez mais; chegadíssima, da; você sabe o tanto que gosto dessa menina). Logo depois pintou o Zé e em seguida Baim; ao todo, ficaram por aqui quase uns 3 meses (pelo menos Cecília e Badi). E pudemos constatar mais uma vez nossa paixão recíproca, nossa vontade de tramar e com-viver bem juntos mesmo, nossos sonhos/loucuras comuns. O pessoal da aldeia curte todos os 4 (ou os 5) muito mesmo e logo se ~~deu~~ desfez aquela triste impressão deixada (pelo menos pra' mim) daquela visita inicial.

Zará, que delícia chegar aqui na aldeia e logo ver um envelope com sua letra. Eu queria mais era te escrever longamente... Mas ando cagada, cheia de vacilos e bem desentendida; muitas (como sempre) desilusões e eu querendo ganhar força, urgente! (foi delicioso chegar e receber tantos sinceros abraços, calorosas saudades, alegria de rever esses amigos - isso dá uma tremenda força...)

Minha irmãzinha - te quero sempre muito bem. Vamos nos ver logo! (Me escreva, por favor; mesmo eu estando devagar e bunda mole assim).

Mto carinhos Vanessa

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
— FUNAI —

OF. Nº 001/CONFIDENCIAL/11ª DR/81.

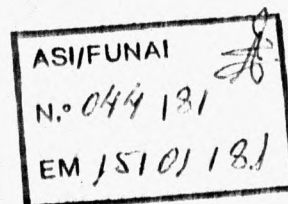
Governador Valadares - MG

Do Delegado da 11ª DR.

Em: 08.01.81

Ao Sr. Diretor do D.G.O. - Brasília -

Assunto: Encaminhamento (faz).



Senhor Diretor,

Ag

Em atendimento à solicitação de V. Sa. e da SA, encaminho anexo, relatório do Chefe do PI Pataxó no qual presta os esclarecimentos relativos à atuação dos representantes de UFBA na área de referido Pôsto Indígena.

Considerando o conteúdo do mesmo e as conseqüências que vem sendo sentidas na administração, sugerimos o imediato rompimento do convênio com a UFBA haja visto a absoluta incompatibilidade de atuação conjunta.

Quanto à referência feita à ex-servidora - Maria Vanessa, infero que a mesma, conforme comprovam as fotocópias anexas, embora na condição de servidora da FUNAI, era ligada a grupos de agitação, razão pela qual providenciamos seu pedido de dispensa, enquanto que o Índio Adalberto Nascimento - Trabalhador Braçal, foi dispensado em virtude de sua absoluta indisposição para o trabalho, visto este, adquirida nos longos anos de anarquia administrativa a que se expunha a área.

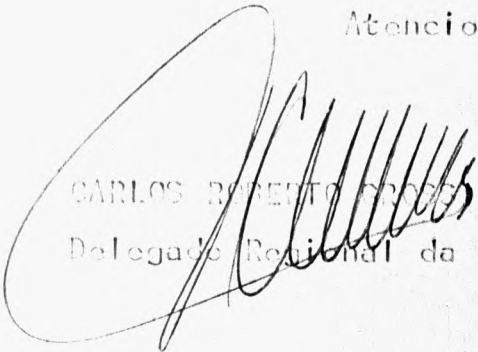
Dessa forma, pretendemos manter as posições assumidas, mesmo que isso venha a ferir os interesses de elementos ligados à UFBA, unicamente interessados na promoção pessoal e na contestação do sistema, utilizando para tanto os incautos e

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

até então pacíficos Pataxós.

Confiantes no imprescindível apoio de V. S^a.,
aproveitemos a oportunidade para renovar nossos protestos de ele
vada estima e consideração.

Atenciosamente



CARLOS ROBERTO PROENÇA
Delegado Regional da 11^a DR

Ilmo. Sr.

José Godinho Rodrigues

DD. Diretor do D.C.O.

Brasília - DF.

Com um mínimo de democracia e participação popular, cidades como São Paulo podem se tornar viáveis e humanas: basta retirar o poder dos gabinetes e delegá-los à população, que, organizada em torno de objetivos comuns, saberá administrar as verbas e recursos com melhor sabedoria e sucesso do que os tecnocratas que atualmente são responsáveis pela aplicação de verbas públicas.

Esta foi, em resumo, a conclusão da mesa-redonda sobre "Poder e Educação Popular", promovida ontem cedo, durante reunião da SBPC, pela Faculdade de Educação da Unicamp, e sob a coordenação do professor Maurício Tragtenberg, que afirmou: "A participação popular nas administrações municipais de Lages, em Santa Catarina, e em Boa Esperança, no Espírito Santo — focalizadas em nosso encontro — demonstram de forma clara e incontestável que o povo não é a massa idiota e amorfa de que falam os burocratas que detêm o poder. Chamado e adequadamente estimulado a participar, o povo é quem passa a ensinar aos técnicos a melhor maneira de gerir os assuntos comunitários".

O ex-deputado Márcio Moreira Alves, outro participante da mesa-redonda, complementou mais tarde as explicações de Tragtenberg: "Comprovamos hoje o resultado de cinco anos de administração participativa nos municípios de Lages e de Boa Esperança, o primeiro com 200 mil habitantes e o último com 18 mil, um no Nordeste seco e árido, outro no frio, chuva e neve do sul; ambos com prefeitos que delegaram às suas respectivas populações a tarefa de escolher os rumos de desenvolvimento que desejavam trilhar. E assistimos uma lição sobre como o povo consegue resolver os seus problemas básicos — como saúde, transportes, habitação, educação e trabalho — ao se auto-organizar com o apoio de uma prefeitura decidida. E esse feito, num país onde os recursos são concentrados pela União, com uma estrutura autoritária que impede maior participação popular, é muito significativo:

prova que no Brasil as coisas poderiam ser diferentes, extremamente diferentes. Como exemplo, citou que nessas duas cidades, com a participação do povo, uma casa de 36 metros quadrados custa exatamente o preço de um metro quadrado das habitações financiadas pelo BNH no restante do Brasil.

INDIOS

"Nunca se viveu neste país um momento tão sombrio na política indigenista. Uma política omissa e irresponsável que não elege como prioridade o índio, assim como tenta desmoralizar as lideranças indígenas combativas para impedir as discussões realmente importantes. Do mesmo modo, os antropólogos têm seu trabalho prejudicado, com o constante impedimento destes profissionais quando pretendem entrar nas aldeias indígenas". Estas denúncias foram feitas pela antropóloga Maria Rosário de Carvalho, da UFBA, durante a mesa-redonda sobre "Política Indigenista Oficial", realizada ontem pela manhã, no primeiro dia da 33ª reunião da SBPC.

O representante da Fundação Nacional do Índio, Carlos Moreira Neto, não compareceu à mesa, assim como o coordenador e antropólogo Pedro Agostinho da Silva. As discussões foram desenvolvidas com a participação do presidente da União das Nações Indígenas, Marcos Terena, e de Antonio Carlos Magalhães, antropólogo do Museu Goeldi, de Belém do Pará, além de alguns índios Carajá, Bororó e Terena.

O presidente da União das Nações Indígenas, Marcos Terena, foi o primeiro a falar, fazendo um resumo da política indigenista desde o tempo de Marechal Rondon, quando a comunidade indígena era de 5 milhões de pessoas. "Hoje, estamos reduzidos a cinco mil e não podemos, por isso, deixar que se transforme o índio, da noite para o dia, em católico, protestante, positivista ou em qualquer outro crente, e tão pouco fazê-lo trabalhador sistemático, violentando a sua organização mental — seria a escravidão oficial", afirmou Marcos Terena.

INDIOS

- Nunca se viveu neste País um momento tão sombrio na política indigenista. Uma política omissa e irresponsável, que não elege como prioridade o índio, assim como tenta desmoralizar as lideranças indígenas combativas para impedir as discussões realmente importantes. Do mesmo modo, os antropólogos têm seu trabalho prejudicado, com o constante impedimento destes profissionais quando pretendem entrar nas aldeias indígenas.

Estas denúncias foram feitas pela antropóloga Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, da UFBA, durante a mesa-redonda sobre Política Indigenista Oficial, realizada na manhã de ontem, na reunião da SBPC.

O presidente da União das Nações Indígenas, Marcos Terena, fez um resumo da política indigenista desde o tempo de marechal Rondon, quando a comunidade indígena era de 5 milhões de pessoas.

- Hoje, estamos reduzidos a cinco mil e não podemos por isso deixar que se transforme o índio, da noite para o dia, em católico, protestante, positivista ou em qualquer outro crente, e tampouco fazê-lo trabalhador sistemático, violentando a sua organização mental; seria a escravidão oficial — afirmou Marcos Terena.

A SBPC deverá aprovar, em sua sessão plenária de encerramento, a moção apresentada ontem pelo grupo de cientistas que participou da mesa redonda sobre o Projeto Alcoa, para a produção de alumínio na Ilha de São Luís, no Maranhão, criando uma comissão de cientistas para analisar em todos os seus aspectos o Projeto Carajás.

O grupo acha que o projeto não é de conhecimento público e da comunidade científica e sobre ele as decisões são tomadas por um pequeno número de pessoas no Governo. A moção foi apresentada depois que os membros da mesa redonda chegaram à conclusão que o projeto para a produção de alumínio da Alcoa — que está incluído no projeto Carajás — fere interesses nacionais e vai causar sérios problemas ambientais.

Índios em Lábrea são contatados

Manaus — Missionários da Prelazia de Lábrea que realizam também trabalhos para o Cimi Norte-I conseguiram realizar novo contato — o terceiro — com uma tribo de índios arreliados e desconhecidos, habitantes de uma área situada nas proximidades dos Igara-pés Preto e Coxodó, afluentes do rio Cunhã, na região do Purus.

Os índios são em número de 80, manifestam desejo de não aprofundarem contatos com os brancos e, mesmo tendo recebido os dois missionários do Cimi na grande maloca em que vivem, comportaram-se de modo agressivo e tenso. Os dois religiosos, Padres Gunter Kroemer e Francisco Loebens, presentearam os índios com um cachorro, atendendo a pedido por eles feito, durante o contato anterior.

Segundo os missionários, pelo que puderam observar, os índios pertenciam ao grupo linguístico aruaque. Eles habitam uma única maloca, embora eventualmente ocupem outras menores, existentes em locais por onde transitam. O Cimi informou ter pedido a Funai a interdição da área, que sofre invasões de apanhadores de sorva e outros produtos.

Gripe chega e preocupa a Funai

Tendo em vista o surto de gripe que assola todo o Território Federal de Roraima, a Fundação Nacional do Índio deslocou sua Equipe Volante de Saúde para combater alguns casos surgidos na área indígena.

No que se refere aos índios Yanomami, a Equipe Volante de Saúde deslocou-se para a Frente de Atracão Surucucu, na primeira quinzena de junho, tendo constatado três óbitos ocorridos na maloca Labama Thelle. Todos os membros daquela comunidade foram medicados e a FUNAI vem mantendo contatos diários com o encarregado da Frente de Atracão e está pronta a entrar em ação caso sejam constatados novos casos de gripe.

Gripe mata três índios yanomanis

BRASÍLIA (O GLOBO) — Três índios yanomanis morreram na Frente de Atracão da Serra dos Surucucus em consequência de um surto de gripe que atinge atualmente cerca de 20 áreas indígenas do território de Roraima, informou ontem a Fundação Nacional do Índio (Funai).